

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XII

HOMENAGEM AO DOUTOR PAULO MERÊA

VOLUME I



COIMBRA / 1969

Os Mesterais

Crónica Milenária do Trabalho Artífice

SUMÁRIO

PRÓLOGO NA HISPÂNIA

1. Oficinas líticas
2. Oleiros e metalurgistas
3. «Collegia Officium»
4. (Em volta do «Bazar»)

I — OS MESTEIRAIS PORTUGUESES NA REORGANIZAÇÃO URBANA DA RECONQUISTA

5. Os Mesterais e as suas Obras

II — OS «CONCELHOS» E OS MESTERES

6. (Superintendência sem representação dos mesterais)

III — OS «CONCELHOS» E OS MESTERES

7. Superintendência com representação convocada dos mesterais

FONTES

BIBLIOGRAFIA

PRÓLOGO NA HISPÂNIA

1. *Oficinas líticas* — iPancada da piedra a bater na pedra com estalidos secos, repetidos, certos quebrava a calma do vale e ecoava ao longe, separada do ruído da corrente tumultuosa que, escoante entre as estreitezas fragosas, num borbulhar de espuma, se insinuava pelo areal até chegar ao braço oceânico, fundindo-se no azul das águas. A pancada da pedra a bater, ficou a ecoar pelo vale das colinas.

Naquelas encostas, tufadas de verdura de velhíssima floresta de carvalhos, faias e castanheiros, o homem preparava tenazmente os instrumentos auxiliares compensadores da sua fraqueza.

Depois de utilizar os seixos rolados—dom gratuito das forças naturais — o homem paleolítico lascou-os para os tornar cortantes; aguçou-os para os fazer perfurantes e este trabalho durou Idades. O eco da pancada da pedra na oficina lítica reboou pelos tempos, treinou a mão e afeiçãoou um jeito. O jeito fez-se técnica. O homem descobriu o *sillex* e a arte operou então maravilhas.

Os povos do Poente hispânico provaram a sua perícia e foram artífices consumados. Resíduos e esquirolas marcam o *sítio* das «oficinas» onde foram trabalhadas peças com singular perfeição. Mas quanto esforço de gerações em toda esta orla batida pelas águas... Toda a costa é um depósito de seixos rolados, lascados e retocados pelo homem das raças antigas. Os alcandorados da Ericeira, as faldas da Arrábida e a Furninha de Peniche são lugares veneráveis de trabalho velho, de velhíssimos recolectores, e um espólio de seixos, de lascas, de retoques e de lâminas assinala a presença, há centenas de milhares de anos, de indústrias embrionárias e do homem empreendedor le consciante, seu criador.

As grutas das Salemas, na Lousa, Nova da Columbeira, no Bombaral e da Casa da Moura, em Cesareda, fornecem instrumentos variados e evoluídos: *lâminas, punções, raspadores e agulhas de sillex*, de *quartzo* e de *osso* indicam outra época e maior exigência de auxiliares do trabalho. A matéria prima é mais rija ou mais afeiçãoável e os instrumentos diferenciam-se pelas operações a executar: especializam-se. Entre os recônditos pescadores dos concheiros de Muge não vamos encontrar os subtis *micrólitos de cantos aguçados*, peças naturalmente destinadas a obras de retoque?

Na encosta frondosa, marginal daquela ribeira de águas espumantes escoada no braço de mar do 'estuário do Tejo, lá está Vila Pouca. Mais acima, pelos recôncavos da Serra de Monsanto, e no Pinhal da Charneca, na Quinta da Musgueira; em terras mais distantes, nas margens da Lagoa de Albufeira; na *gruta-oficina* do Cabeço da Ministra, em Alcobaça; e na Quinta das Lages, na Ota, aparecem os *instrumentos polidos* a par de *raspadores* e de *facas de dorso*. Surge a *cerâmica*, ainda grosseira, mas a preparar o brilhante surto do vaso campaniforme, marca de uma civilização muito característica e expansiva.

Nas montanhas da Beira e de Trás-os-Montes ergueram-se estranhas construções feitas de enormes blocos graníticos. A força necessária para deslocar e erguer pedras tão grandes subentende uma organização de grupos de trabalho e de instrumentos só admissíveis em sociedade dotada de certo progresso económico e social.

Em vários sítios encontram-se instrumentos de trabalho. Estes instrumentos — *machados cilíndricos, lâminas de sílex, microhuris, micrólitos* — são, pelo seu acabamento e provável destino, a prova simultânea de adiantada técnica e de espírito de iniciativa.

Na m'esopotâmia de entre o Tejo e o Douro, onde melhor se evidenciaram os indícios da cultura megalítica que uma arte esquemática de primeira ordem ilustrou, podie verificar-se pelas insculpturas antropomórficas, zoomórficas e abstractas — estas últimas com zigue-zagues e círculos—e pela cerâmica, de pasta negra, um progresso da capacidade de síntese, base do poder da estilização decorativa, dispondo de matérias corantes e de uma técnica de insculptura feita por percussão, desgaste e atrito só com ajuda de instrumentos lítios. O artífice destas Idades servia-se de *percutores* e de *polidores* de pedra mais rija. A água facilitava o trabalho da percussão da pedra sobre a pedra.

Nos monumentos megalíticos da Baria do Vouga — em Antela, Arca, Espinheiro, Campia e na necrópole da Pedra de Moura — encontrou-se um instrumental de trabalho mais rico. A par dos habituais micrólitos, de facas e de pontas de seta de sílex, apareceram uma *rodela de xisto, pilões e mós trituradoras*. A cerâmica é negra e acinzentada e apresenta-se bem cozida. Mas a revelação mais importante desta área da indústria lítica e oleira é a do indício dos metais testemunhado por um *diadema de ouro* sem ornamentação. O ouro seria, aqui, o primeiro metal utilizado pelo homem? A matéria prima aflorava em abundância. O florescimento da ourivesaria no noroeste da Hispânia nasceu do prolongado artesanato de artífices e dos aurífices recolectores do ouro natural daquele solo pródigo e generoso.

Enquanto as sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha continuam a fornecer *machados, pilões, mós e vasilhas*, nas cercanias do estuário do Tejo as colecções de instrumentos de trabalho são mais ricas em espécies diferentes. No *abrigo* da Samarra, em Sintrai — tão curioso no seu arranjo de divisão doméstica — encontrou-se, juntamente com as habituais pontas de seta de sílex,

um *punhal de osso*, um *machado de anfibolitoj lâminas, foicilhas, espátulas e furadores*.

Em muitos locais dos arredores de Lisboa abundam os *alfinetes de osso* e as *lâminas de sílex*, instrumentos delicados que implicam a existência de uma indústria adiantada e de progressivas imposições da vida de uma sociedade mais exigente.

O *vaso campaniforme* define um ciclo e representa, na indústria cerâmica, um apogeu das artes e dos ofícios da nossa pré-História. O *vaso* e a *taça* de Oleias são exemplares sintomáticos.

2. *Oleiros e metalurgistas* — A cerâmica bastante evoluída do *vaso campaniforme* aparece em conjunto com um instrumental lírico polido e com os primeiros sinais de uma metalurgia rudimentar do cobre, por vezes misturado com pequenas percentagens de estanho. A presença dos metais é um acontecimento importante. O elemento caracterizador deste ciclo das artes é, porém, fornecido pela cerâmica. A boa qualidade do material utilizado, a boa cozedura, o colorido e, sobretudo, a modelagem das peças e as suas decorações dão a primazia aos oleiros entre os artífices desta fase da indústria pré-histórica.

Os *vasos campaniformes* e as *taças* de Palmeia e das grutas de Alapraia e de S. Pedro do Estoril parecem indicar o emprego da *roda de oleiro* e, na decoração, o uso de *rodinhas* e de *pentes*, destinadas a fazer incisões ornamentais uniformes em torno dos vasos, nos seus rebordos e nos fundos. Os vasos têm a forma de uma campânula: alargam na boca, estreitam levemente no colo e têm o fundo abaulado. O ornato dos vasos é feito de linhas paralelas incisas em volta de todo o bojo, desde o rebordo até ao fundo que, às vezes, se apresenta também decorado com feixes de raios incisos a partir do centro do fundo. Entre as linhas paralelas traçadas à volta do bojo do vaso riscam-se outras linhas: umas perpendiculares às paralelas, outras oblíquas, outras quebradas, ainda outras formando xadrez pelo cruzamento do tracejado vertical com as superfícies deixadas lisas de duas faixas decorativas formadas pelas linhas paralelas e com o seu recheio ornamental.

As *taças*, elegantíssimas, que acompanham os vasos campaniformes têm decorações semelhantes.

As superfícies dos vasos e das taças do campaniforme são bruni-das com uma espécie de extracto muito fino ou de um verniz.

Como os tipos desta nossa cerâmica têm uma configuração diferente dos tipos clássicos do campaniforme que se espalharam pela Europa e é menos evoluída, presume-se a sua irradiação partida daqui. O mercador nómada—buscador de metais — seria o possível agente que difundiu, por toda a parte, a olaria hispânica. É tudo quanto há de mais natural. A Península e, em particular, os seus territórios do Poente eram ricos em minérios. Havia o cobre e o ouro aparecia fácil de colher. A Península seria então percorrida pelos buscadores de metais e estes foram os *caixeiros viajantes* que levaram os artigos trabalhados nas oficinas hispânicas e trouxeram outros, exóticos, testemunhados em muitos achados.

Não deve esquecer-se: estamos ainda numa Idade onde o instrumental lítico é predominante. Na oficina do artífice dominam os instrumentos de pedra, quer com auxiliares autónomos — os *percutores*, os *furadores*, os *raspadores*, os *machados*, as *espátulas*; quer como peças de um aparelho — as *mós*, os *pilões*, os *fusaiolos*, os *cossoiros*.

Como o *osso*, matéria muito utilizada e que conseguiu, por vezes, vencer o tempo, a *madeira* seria empregada, em larguíssima escala, na construção de rudimentares máquinas primitivas — a *roda do oleiro* e o *tear*, por exemplo — mas, como é perecível, foi consumida pelo desgaste do tempo e não deixou vestígios.

Não é estranho, no início da utilização do cobre, o predomínio da pedra na indústria do eneolítico. As jazidas desta Idade bem o provam ao testemunharem a vida daqueles recuados tempos através dos seus heterogéneos espólios de objectos diversos na forma e na substância, com funções bem patentes: percutores, cossoiros e fusaiolos; ou de significado enigmático ((religioso, mágico, decorativo?): placas, falanges trabalhadas e pintadas, vasos de configuração animal.

As indústrias e os instrumentos de trabalho encontram-se um pouco por toda a parte, numa confusão de materiais, indicadora da fase transitória vivida quando da passagem da Idade da pedra para a dos metais. Por entre as profusas peças líticas principiaram a surgir as metálicas em pequena quantidade: adornos de ouro, armas de cobre. O início de trabalhos metalúrgicos representado por lâminas de cobre de fim indeterminado.

A intensa vida dos povos deste período está testemunhada por numerosos resíduos assinalados pela sua passagem há alguns milhares

de anos. Pontas de seta de sílex, muito bem retocadas, emparelhadas com braceletes de ouro no Cerro das Antas, em Almodovar, e sugerem um certo requinte tanto na preparação das armas como na das joias,

Juntamente com os seus vasos e preciosas taças de cerâmica campaniforme, a estação de S. Pedro do Estoril fornece uma variedade de instrumentos e objectos que vão desde os *furadores de osso* aos *percutores* e *machados de pedra polida* e dos *anéis de ouro* até aos *botões*, variedade que os espólios das grutas de Alapraia adensam, acrescentando-lhes mais *percutores* e *machados*, *pontas de seta de sílex* e *lanças*, *espátulas de osso* e *colares*. Deve acrescentar-se, para mostrar como a arte da construção progrediu, que um dos sepulcros de Alapraia é uma gruta artificial, de câmara em abóbada, com clarabóia e galeria aberta.

Na gruta de Cascais foram encontradas lâminas de cobre, com alguma percentagem de arsénio, trabalhadas segundo as técnicas de fusão e martelagem.

Os primeiros machados metálicos eram de cobre, de forma achatada e sem rebordo. A maior dureza do metal dada pela liga do estanho ao cobre trouxe o *bronze* para a metalurgia e dele se fizeram armas, instrumentos de trabalho e outras peças a ponto de caracterizar uma larga e notável Idade. O pilão triturador de minério encontrado junto da mina de estanho de Tuela significa o interesse industrial da preparação da cassiterite destinada, naturalmente, à liga com cobre para o fabrico do bronze.

Antes de nos embrenharmos pelos matagais dos territórios do Ocaso hispânico em busca dos últimos vestígios deixados pelos metalúrgicos do bronze, voltemos à nossa gruta de Cascais. Além de uma cerâmica de pequenas vasilhas, encontraram-se peças de um grande sentido como provas da existência da arte da tecelagem: os *cossoiros* e *fusaiolos* de tear.

Os resíduos da vida humana em comum, colhidos aqui e a li, e aproveitados como exemplos da evolução das técnicas, descrevo-os, segundo uma ordem cronológica relativa, para dar maior realce às transformações operadas no decorrer dos milénios e, depois, dos séculos. A mistura e o intercalar dos mais variados objectos de indústrias diferentes mantém-se, para dar o meio ambiente daqueles tempos—quando a divisão do trabalho mal começava a delinear-se—

e expor, num grande mostruário, as colecções típicas dos largos ciclos da pré-história dos ofícios e das artes.

O aparecimento dos povoados já sólidamente assentes, construídos e definidos e de tal maneira que nos deixaram os seus alicerces como prova da técnica e da arte da edificação, marcam uma época e preparam a passagem da pré-História para a História.

É certo que antes daquele sólido arranjo urbano os homens viviam, desde há muito, em aglomerados mais ou menos importantes, mas as suas construções e defesas eram feitas de materiais precários que não conseguiam resistir ao tempo nem às devastações. As cabanas, as paliçadas, as palafitas existiram, sem dúvida, mas não lograram chegar ao nosso tempo ou não foram descobertas sob qualquer entulho. Os *concheiros* de Muge, que revelaram tanta coisa do *habitat* dos pescadores do nosso Mesolítico, não deixaram qualquer vestígio das suas cabanas. Talvez os grupos de palafitas ainda hoje usados e habitados pelos pescadores da região sejam uma réplica das primitivas povoações piscatórias dos terrenos alagadiços do velho Tejo.

À falta de vestígios da Carpintaria pré-histórica temos de nos contentar com as construções megalíticas e, depois, com os grandes povoados das *casas redondas* e das *cinturas de muralhas defensivas* dos construtores e pedreiros pré-históricos. Alguns monumentos da fase urbana destes tempos, estão mais arruinados do que outros. A causa é a qualidade do material lítico empregado nas construções. Ao norte, onde o granito abunda, os restos de antigos povoados conservam-se. Mais para o sul onde a rijeza da pedra é menor ou onde escasseia, os vestígios são menos. É o caso da Vila Nova de S. Pedro. Este *castro*, porém, tem a particularidade de se conservar no seu traçado essencial. Situa-se o povoado na Estremadura, próximo de Lisboa. Colocado no cimo de um outeiro, tem várias linhas de muralhas defensivas. Dentro podem ver-se restos de um *forno* e silos, sinais evidentes de uma vida agrícola adiantada: cultura de cereais, guarda dos grãos, moagem e cozedura de pão. No espólio destes agricultores encontram-se *facas*, *pontas de setas de sílex*, *raspadores* e, como é natural, *foices*. Legaram ainda uma olaria grosseira mais antiga e uma cerâmica mais recente, menos grosseira e ornamentada.

Continuando a seguir a ordem cronológica dos períodos apro-

ximados das datações dos monumentos arqueológicos dos nossos territórios do Poente Hispânico e antes de apreciarmos a construção urbana dos castros, abundante nas regiões do Noroeste da Península, vamos para o sul Ver os monumentos do Baixo Alentejo e o que por lá ficou da indústria e das artes dos primeiros metalurgistas. A região é cuperífera e nela prosperam os mineiros do cobre, fundidores e artífices á boca da mina com obra patenteada em armas e instrumentos de cobre com ornamentos de ouro. Aparecem as pontas de seta de base côncava. A cerâmica é decorada. Usando a conhecida técnica da fusão e martelagem os artífices trabalharam os braceletes de ouro que foram encontrados no Cerro de Antas, em Almodovar.

Em Nossa Senhora da Cola, na baria hidrográfica do Mira, apareceram armas de bronze, pobre em estanho: um *punhal* 'e uma *ponta de lança*. Isto na região do cobre. No norte, na «terra do estanho», achou-se no cabeço da Quinta das Flores, na área da Guarda, um machado plano, trapezoidal, sem rebordo, com fio curvo e pontas laterais. Em Sintra, no Alto do Outeiro, apareceram armas de bronze: um *punhal* com *espigão* e *lâminas* de *zagaia* ou de *lança* do tipo «folha de loureiro».

Segundo parece, a indústria do bronze inicia-se mais cedo na Hispânia do que na Gália o que, aliás, é natural dada a abundância do cobre e do estanho em jazigos próximos.

Uma das peças mais características do bronze peninsular é o *pals-tave* ou machado chato de talão também conhecido por machado de bronze atlante. Encontra-se muito espalhado desde a zona d'e Badajoz até ao Noroeste. Tipicamente do Noroeste são os *machados de duplo anel*. São raros no sul do Alentejo e fora da Península.

Havia fundidores metalurgistas nómadas que faziam prospecções clandestinas e tinham «armazéns» em esconderijos. Foram eles que espalharam certos modelos de armas e instrumentos de bronze.

O *machado de alvado* de um ou dois anéis teneontra-se no Norte e é raro no Sul. Um *molde de foice de bronze*, achada no Casal de Rocanes, no Cacém, revela a indústria de instrumentos e, simultaneamente, a actividade agrícola. Em Castro Daire apareceu um *molde bivalve de bronze* para *machado de duplo anel*. Confirma a existência de trabalhos metalúrgicos de bronze. Em Figueiredo das Donas (Viseu) os achados arqueológicos forneceram uma arma e

instrumentos de trabalho, tudo de bronze: um *punhal*, uma *foice* e *pregos* (estes, raríssimos). *Palstaves* e *pontas de seta de bronze* foram recolhidos em vários locais da Beira Alta.

Como se verifica pela relativa abundância de armas e instrumentos de bronze e de cobre, a mineração do cobre e a metalurgia do bronze — comprovada pelos *moldes* — foi importante nesta área da Hispânia pré-histórica.

Ao entrar na sua fase final, o ciclo do bronze caracteriza-se pelo predomínio de instrumentos feitos com esta *Jiga* e pelo emprego do processo da cera *perdida* na moldagem das peças. Fazia-se o molde de cera que é muito fácil de trabalhar, vasava-se a liga fundida, derretia-se a cera mas a peça ficava delimitada com as formas do molde. Nesta fase final do bronze predominam os modelos nórdicos na indústria. Há, como é natural, vestígios relativamente frequentes, de mineração e fundição. A cerâmica não deixa rasto e a ourivesaria decai.

Uma espada triangular de bronze com rebites é encontrada em Castelo Bom. Em Vilar Maior, no Sabugal, apareceu outra mas pristiliforme, de tipo nórdico. Terá sido importada ou imitada pela indústria local? Como já se sabe a moldagem era fácil e não custa, portanto, a aceitar a imitação operada pelas indústrias locais.

Há também *moldes* talhados na pedra. Como exemplo temos o *molde para anéis* do Castro de Santa Cola, em Ourique. Mas será para anéis-adoimo ou para uma espécie de *pregos* terminados em anel de tanta utilidade tem diversos arranjos? A «calha» ligada a cada molde de anel sugere esta hipótese.

Antes de referir as construções urbanas dos castros do norte falemos da nossa ourivesaria pré-histórica e do seu magnífico esplendor que deixou o rasto de uma técnica e a beleza de uma arte subtil.

Os auríferos e a sua ourivesaria nas Idades recuadas da passagem da indústria da pedra para a dos metais — o *eneolítico* — representam quanto pode a força criadora e o engenho da inteligência e da sensibilidade humanas mesmo ao faltarem-lhe os meios necessários e cómodos para uma boa execução artística. Os pintores rupestres de Altamira, em épocas ainda mais remotas, demonstraram, até quase ao inverosímil, aquele fôlego da inspiração e da arte. Não há nada capaz de vencer as manifestações verdadeiras do espí-

rito criador, nem mesmo as resistências naturais do ambiente geofísico, quando esse espírito tem algo a revelar.

Os aurífices, nos primórdios da sua metalurgia, tinham uma prospecção 'e uma extracção fácil da matéria prima. Colhiam o ouro nativo. Trabalhavam-no servindo-sie da técnica primária da martelagem do bloco até o reduzir a lâminas e, destas, faziam os adornos e revestimentos metálicos decorativos. O ouro tinha a propriedade de nunca perder o brilho e o seu tom era luminoso como o sol.

Os *brincos de folha de ouro* encontrados na gruta de Ermegeira, na Maxial, na região de Torres Yedras, constituem um exemplar proveniente daquela técnica arcaica da ourivesaria que decorava as suas peças com sulcos ou ponteados feitos pelo processo do *repuxado*. No caso dos *brincos* de Ermegeira a ornamentação limitou-se a uma orla dupla de ponteados *repuxados* ao longo da margem periforme da jóia. A técnica deste processo de fazer relevos decorativos nos metais macios, consiste em martelar um percutor sobre o reverso da lâmina para obter, na outra face, os desejados efeitos. Um *diadema sem ornamentação*, talvez mais antigo que os brincos de Torres Yedras, surgiu entre os despojos de uma necrópole megalítica do nosso território.

Orlada de ponteados simples e sulcada pelo relevo de três arcos paralelos vemos a lúnula de ouro de Cabeceiras de Basto, que é um autêntico modelo de habilidosa e bem acabada combinação dos dois elementos decorativos da nossa ourivesaria primitiva. A mesma decoração repete-se em sulco concêntrico e em orla ponteadas nos dois discos de lâminas de ouro que estavam juntos à lúnula de Cabeceiras.)

Estes são os exemplares mais arcaicos provenientes do trabalho dos aurífices que praticaram o seu mester neste território do Poente Hispânico..

Já na transição para a História, numa fase mais progressiva das técnicas, Évora, Penela, Condeixa-a-Velha, e o Casal de Santo Amaro, em Sintra, fornecem as belas *Xorcas* de ouro — adornos dos tornozelos. Em Guimarães, nos seus arredores, apareceu um *bracelete* do mesmo metal e, no Álamo, em Moura, foi encontrado um *colar* também de ouro. Restos de um extraordinário espólio deixado pelos povos pré- e proto-históricos, aqueles preciosos objectos dão a presença de habilidosos mesteiros que, dentro em pouco, marca-

riam mais um grande passo nas artes anunciando uma notável civilização.

Estamos no ciclo da cultura das Citânias do Noroeste Peninsular onde a arte de construir deixaria bons exemplares, obra do trabalho de pedreiros construtores digna de atenção. Antes, porém, de apreciar a arte dos edificadores dos *castros*, dê-se uma vista, de relance, pelos instrumentos e objectos característicos que revelam a perícia daqueles antepassados artífices, trabalhadores do cobre e do bronze, que foram melhores escultores do que ceramistas. Aflora, por vezes, cerâmica com ornamentação do estilo campaniforme (Penha).

No Baixo Alentejo, junto do Rio Mira, em Almodovar, Ourique e Aljustrel, em pleno domínio cuperífero, revelaram-se *um espeto de bronze*, várias *espadas* e até um *capacete de prata*. Lages insculpidas atestam a presença do escultor e uma lápide com caracteres insculpidos faz dar um salto para diante e põe-nos à porta da História. Tudo isto naquele território de *encontro* que é o Baixo Alentejo*

Ainda para lá do Tejo, a pesca e a preparação de conservas de peixe estão patentes nos *tanques de salga* de Panóias, em Santiago do Cacém, de Tróia, em Setúbal, e de Sesimbra que devem marcar a existência de uma indústria durante larguíssimo tempo e dos mesteres, naturalmente simultâneos, de percadores e de conserveiros.

Em Terroso, na Fonte Velha de Benafrim, apareceu uma *falcata*, meia espada e meio sabre, com lâmina de fio em curva-contra-curva larga, semelhante ao das navalhas sevilhanas suas descendentes, na genealogia da arte dos cutileiros do sul peninsular.

Enquanto, na região nortenha, no Castro de Santa Luzia, em Viana do Castelo, e nas Citânias de Sabroso e de Briteiros descobriam-se, entre os seus resíduos, *agulhas* e *alfinetes*, *pregos* e uma *lança tubular* — com tubo para enfiar a haste—'Alcácer do Sal, no sul, oferecia um *espada de ferro*, o grande metal que durante milénios dominaria. Pelas características do seu punho é uma *espada de antenas*, com decoração em SS, pertencente ao período siderúrgico de Hallstatt C¹).

i¹)) Até aqui o texto foi aproveitado em parte, e serviu dje base às lições do um curso. iPublicou-ise <nio trabalho do autor *Antropologia luso-atlântica* — *O estudo do Homem português*, 1968,

Estamos em plena proto-história, assim classificada por não ter sido possível decifrar ainda os seus documentos escritos, as inscrições em escrita hispânica. E na mesma área de Alcácer do Sal, na sua necrópole, acharam-se vasos *de vidro*, uma elegante *cerâmica* (de influência fenícia?) e um *colar*.

É em Sesimbra, contudo, que surgem exemplares magníficos de cerâmica pelo seu fabrico, pela sua forma e pela sua decoração que, a não ser importada, manifestam um considerável progresso técnico dos ceramistas ou oleiros locais na imitação e cópia de modelos do oriente mediterrânico— Cerâmica fenícia de Biblos—recebidos directamente ou por intermédio da fabulosa Tartessos, ainda no período glorioso e homérico do bronze.

A grande tradição da cerâmica peninsular anterior à entrada dos celtas siderurgistas, habilita-nos a julgar intactas as aptidões dos nossos oleiros e, portanto, a admitir que fossem instantaneamente captados pela arte, mais afinada, dos ceramistas orientais, se porventura Tartessos não fosse já um centro oleiro reputado, dentro das tradições cerâmicas do sudoeste da Península, capaz de influir a arte dos povos das suas cercanias. É admissível o trabalho local dos nossos mesteiros na imitação dos modelos estranhos nesta época preliminar da Idade do ferro.

As *citânias* do Noroeste vão servir de modelo e de exemplo da rudimentar urbanização dos *castros* e de prova dos trabalhos dos artífices que neles viveram.

O Castro de Sabroso é de edificação mais antiga que a da citânia de Briteiros. Aqueles que o construíram, no seu plano urbano, não foram além de um aglomerado sem qualquer traçado de arruamentos. As casas espalhavam-se apenas cingidas ao relevo do terreno. Os pedreiros que as construíram fizeram-nas redondas, como aconteceu em todos os povoados do Noroeste. Havia também casas rectangulares, mas poucas. Sabroso forneceu, até agora, só três casas dessa planta. As coberturas seriam feitas com placas de xisto boleadas. A ornamentação consistia em linhas de «cordas» e de «torços». A defesa do povoado estava assegurada por várias ordens de muralhas, como em quase todos os castros e citânias.

Instrumentos de trabalho, utensílios diversos, armas e adornos revelados no espólio de Sabroso, indicam-nos a transição do bronze para o ferro. A par do seu instrumental lítico ainda em uso —

machado de pedra polida, lâminas de sílex e pesos de tear ou de rede de pesca, desvendam possíveis actividades, havia fíbulas, agulhas, vaso, machados de alvado, de bronze ou de cobre, ie uma lâmina de tesoura de ferro.

Como adornos, os de Sabroso, usavam, pelo menos, braceletes de cobre, alfinetes de cabelo e placas nos cintos.

Os construtores das casas redondas eram pedreiros que exerciam, ao mesmo tempo, o mester de carpinteiro.

Os *metalurgistas do bronze* e do *ferro* seriam os mesmos? É possível. O mais natural, porém, era representarem ofícios distintos. Os do bronze, detentores de nobre e vetusta tradição, faziam sempre resistência aos siderúrgicos e às suas estranhas inovações trazidas de fora. Enquanto o ferro se não impõe pelas suas qualidades haveria uma luta onde não faltaria o elemento mágico a ensarilhar, ainda mais, a competição.

A olaria — com cerâmica halstática ou outra — estaria sempre presente entre os mesteres do Castro. As *tecedeiras* ou os *pescadores* não faltariam. De começo, a divisão do trabalho e a especialização não seriam acentuadas, os ofícios confundir-se-iam mas haveria manifestas tendências, aptidões e jeitos que dariam a cada qual um lugar na economia daqueles povoados. Os próprios metalurgistas seriam os artífices dos adornos, mas poderia dar-se também o caso da arte mais delicada ser praticada por outros sobre a matéria prima extraída e preparada pelos primeiros.

Ao entrarmos na vida e actividade e dos mesteres castrejos podemos já encarar hipóteses de divisão do trabalho e das especialidades dos ofícios assinaladas pelas ricas colecções de instrumentos e de utensílios e pela existência de matérias primas cada vez mais variadas e melhores. Além da madeira, do osso, do marfim 'e da pedra, sempre prestante, os metais e as suas ligas multiplicam-se e concorrem, oferecendo-se à habilidade manufacturara e dispondo-a sempre em melhores condições de perfeição para executar obras novas e novos e mais adequados ap>etrechos, destinados a dar, nas mãos dos artífices, maior rendimento e boa forma.

A citânia de Briteiros, um dos mais importantes conjuntos urbanos do período da civilização dos castros, fornece, na variedade e riqueza do seu espólio, uma prova do adiantamento económico dos povos do Noroeste, mesmo quando se leve /em conta aquela espécie de objectos presumivelmente importados de longínquos

centros produtores. Uma boa parte do espólio tem nítida feição local.

Parece mais lógico, nesta altura, descrever alguma coisa sobre as construções castrejas e o plano urbano da citânia. Os pedreiros construtores edificavam muitas casas redondas semelhantes aos nossos velhos moinhos de vento. Esta predilecção, dizem uns que se filia na *cabana* ou *choça* construída pelos primitivos habitantes com materiais ligeiros — madeira, ramos, barro e colmo na cobertura. Outros pensam que os construtores das casas redondas fizeram-nas assim por razões de dificuldade técnica: não sabiam aparelhar os cunhais, em ângulo recto, das casas de planta rectangular. Não conheciam ainda o processo de colocar os blocos de pedra de forma a não se desfazer a esquina com o próprio peso dos blocos sobrepostos. As razões podem ser estas e ainda outras. Novas investigações e estudos dos arqueólogos poderão, um dia, fornecer mais esclarecimentos sobre construções redondas.

Ao contruirem as paredes das casas redondas os pedreiros castrejos sobrepunham as pedras, com ligeiras rectificações, encaixando-as umas nas outras ao jeito dos nossos actuais calceteiros: procuravam o lado da pedra que melhor se juntasse ao espaço a preencher. Às vezes, os pedreiros usavam uma original técnica de aparelhar: colocavam a fiada de blocos do alicerce com os blocos dispostos obliquamente de modo a ficarem com uma aresta para cima, formando espaços, em ângulo, com o vértice para baixo, onde os pedreiros encaixavam as pedras da fiada seguinte dando ao aparelho, no seu conjunto, uma forma helicoidal.

Há mais pormenores curiosos das construções desta época mas só nos interessa agora saber que também se edificaram *casas rectangulares* pelos mesmos processos ou servindo-se, nos revestimentos exteriores, de blocos de pedra muito maiores e apumados. Os cunhais das paredes antigas eram redondos e davam à casa uma forma quase elíptica. A cobertura de qualquer tipo de casas seria, naturalmente, de colmo mas poderia também ter-se usado um eneastrado de ramos revestido de barro e, em épocas posteriores, a telha. Aparece, então, o *telheiro*, artífice novo que, possivelmente, seria também o *oleiro*.

A Citânia de Briteiros tinha armamentos ao longo do seu maior comprimento que se cruzavam com outros traçados quase perpendi-

diculares aos primeiros. Algumas das ruas iam dar às *portas* abertas nas muralhas defensivas do povoado. Há vestígios de *calçadas*. A Citânia estava defendida por três ordens de muralhas e nelas abriam-se sete portas.

Depois desta ligeira notícia sobre a arquitectura citaniense vejam-se, através dos achados, quais os mesteres do ciclo económico castrejo já evoluído e em desenvolvimento em plena Idade do ferro.

Rojões de trabalho de forja, barras prismáticas de chumbo e um «bolo» do mesmo metal demonstram a existência de uma metalurgia praticada *in situ*.

Havia *ferreiros*: um sacho, um machado e várias pontas de lança de ferro encontrados na Citânia podem, muito bem, ter saído das suas forjas.

Os *metalurgistas do bronze* fabricavam da sua ligia instrumentos mais delicados, como se revelam na charneira de um compasso, numa machadinha de alvado, em fíbulas e fívelas, algumas ornadas com aplicações de prata, e em vários adornos, como as contas ornamentadas de desenhos serpentiformes.

Os *aurífices e joalheiros* estão representados pelas *contas de colar* de prata decoradas em zig-zague, pelos *torques* de ouro e pelas belíssimas *arrecadas* de filigrana. As pequenas pedras elípticas com figuras humanas, 'de cavalo e de um vaso pertenceriam, talvez, num trabalho de joalheiro, a obra de anéis.

Nem todas as peças de cerâmica encontradas na Citânia de Briteiros são de fabrico local mas todas elas indicam uma época já entrada na História. A obra dos oleiros citanienses patenteia-se nas vasilhas e 'em certas peças acessórias de instrumentos de trabalho como os *cossoiros* e as *fusaiolas*, alguns ornamentados, que lembram a fiação e a tecelagem. A cerâmica é esbranquiçada ou cinzenta, com decoração geométrica, e cozida ao forno. A louça fina, fornecida pelos achados de Briteiros, é de importação, segundo tudo leva a crer (louça arretina). Há vestígios de telha, na sua forma de *tegula* (telha de rebordo) ou de *imbrex* (telha semi-cilíndrica), mas este fabrico atira-nos já para a olaria romana. Sucede o mesmo com uma bela taça de vidro verde claro. Estes trabalhos de oficina romana são indícios de uma influência que, em breve, se apreciará no valor da sua organização.

Continuemos, por agora, a descobrir os antigos mesteres entre

os pré-romanos dos castros. O de Lanhoso mostra as suas *casas redondas* espalhadas, aparentemente ao acaso, por uma grande área. Os *pedreiros* construtores trabalham como todos daquela região granítica. Algum deles, mais afeiçoado às artes e mais hábil, talvez seja o autor da escultura, de figura humana sentada, aparecida no sítio.

Os *oleiros* de Lanhoso deixaram obra com as características da «Penha». Ornamentação *incisa* ou feita de *cordões em relevo*.

As peças de metal encontradas neste Castro são adornos: *fibulas* decoradas e *torques* de filigrana. Os *artífices do bronze* e os *aurífices* destes objectos trabalhavam como os de Santa Tecla (na Galiza) ou os de Briteiros. Entre os achados metálicos de Lanhoso está um magnífico capacete de bronze ornamentado e com espigão. Esta peça, pela sua raridade e configuração, não deve incluir-se na série da indústria local. É obra possivelmente importada e pertencente a uma época mais recente.

A citânia de Sanfins, a par dos elementos habituais característicos da obra dos mesteres indígenas, fornece o trabalho dos seus *escultores* representado por *estátuas de guerreiros*, naturalmente votivas ou alusivas aos feitos bélicos de um povo militar.

Pelos achados arqueológicos em Almofala, Castro Mendo, Guarda, Vale da Manta e outros locais e por referências de fontes escritas por viajantes, militares e administradores vindos dos grandes Estados do Mediterrâneo, sabe-se alguma coisa da vida dos lusitanos e, portanto, também da sua indústria e economia. A sua civilização é do tipo castrejo mais evoluído. Os construtores e pedreiros lusitanos edificam ainda casas redondas mas fazem também construções rectangulares que se vão generalizando. Muralhas defensivas em várias ordens protegem os povoados e atestam a perícia dos artífices que as ergueram em perfeito traçado e solidez.

A existência de *moinhos manuais* de rolo ou cilíndricos sugere a moagem; as *fusaiolas*, a fiação e a tecelagem que, com toda a verosimilhança, seriam trabalhos domésticos a cargo do pessoal feminino.

Sabe-se que os lusitanos tinham *carros* e assim teriam, entre os seus mesteres, *carpinteiros de carro*. Usavam *selas* nos seus cavalos e ferravam. Conheciam a *ferradura*. Ao lado do *correeiro* e do *seleiro* aparece a trabalhar o *ferreiro* e o *ferrador*. Havia *metalurgistas do bronze* pois continuava-se a fabricar instrumentos desta liga. Os metalurgistas já trabalhavam a prata e o chumbo. Os

aurifices continuavam a modelar *torques*, *braceletes* e *pulseiras* no seu precioso metal.

Uma estátua de um guerreiro lusitano é um compêndio das artes menores e dos ofícios e é um verdadeiro figurino de uma raça de gente audaz e sóbria. O guerreiro da estátua veste uma túnica curta. Tem gola. A túnica tanto pode ser de linho, como de esparto ou de couro e deve ser obra do pessoal doméstico que implica *fiação*, *tecelagem*, *surra* e *curtimento*, *o corte* e a *costura*. À volta da gola da túnica um *torque*, de bronze, a servir de adorno e protecção ou como *fecho* de alguma capa de peles. O metalurgista ou o aurífice e o *peleteiro* estão presentes neste conjunto. O *escudo redondo*, pela sua forma e dimensões exíguas, provavelmente todo de metal, e a falcata — espada de lâmina curta e recurvada — seriam obras dos *ferreiros-armeiros*. Um *capacete de couro* ou de *bronze* protegia a cabeça. Um trabalho de *correeiro* e de artífice *metalúrgico*.

Os *oleiros* lusitanos fabricavam uma louça grosseira, de bordos vigorosos, de tom acinzentado e vermelho, decorada dos clássicos SS, um símbolo da cerâmica dos primeiros períodos da Idade do Ferro.

Quando a poderosa civilização urbana dos romanos penetrou na Península Hispânica — é preciso não esquecer — já outras influências mediterrânicas, de nível elevado, tinham deixado sulcos mais ou menos vincados. Os gregos (fócios), os fenícios e os cartagineses passaram, conviveram ou estabeleceram-se em vários pontos do território peninsular, e, se não deixaram uma organização perdurável, influíram, e deles ficaram resíduos culturais através dos artefactos difundidos pelo seu comércio. Isto exprime-se melhor ao longo dos nossos litorais quando do ciclo florescente das trocas de objectos trabalhados pelos preciosos metais nativos: o cobre, o estanho e a prata.

A civilização megalítica e da cerâmica campaniforme do extremo ocidente e o contacto com essa fulgurante e misteriosa Tartessos — empório hispânico da prata e do cobre — marcaram o carácter das obras dos nossos artífices proto-históricos e infundiram-lhe um estilo que só os homens do ferro conseguiram perturbar quando apareceram, como invasores e concorrentes. O prestígio do ferro impôs-se aos poucos e operou-se a celtização dos povos da Meseta e das montanhas ocidentais. Mas o Mediterrâneo daria a última palavra. Cartago mediterrânica cedeu o seu lugar a Roma e a Hispânia conheceu, então, uma estrutura orgânica geral e planificada que teve os seus reflexos na vida económica. Em contacto com uma

civilização acentuadamente urbana, o trabalho dos artífices aperfeiçoou-se e teve de submeter-se às exigências da *especialidade*. Esta foi imposta pelo refinamento do gosto e pelo império da técnica, sempre mais acentuado num meio pleno de riqueza e de poderio.

3. «*Collegia Officium*» — Esperam ainda um estudo de conjunto e uma síntese os numerosos vestígios que a civilização romana deixou no nosso território, apesar deste estar num dos extremos do grande império mediter/ânico. Falo em vestígios, mas estes, por si, subentendem tesouros arqueológicos escondidos e, mais dia menos dia, poderão ser desvendados com o progresso das escavações. Repare-se, por exemplo, no *oppidum* de Conimbriga, descoberto apenas numa ínfima parte da sua mais extensa planta. Dos vestígios parcelares da presença civilizadora dos romanos quanta coisa se poderá saber sobre a vida das sociedades urbanas semeadas, por toda a parte, pela modelar organização do Império, onde a organização das actividades económicas foi uma das mais características.

A universalidade do sistema da *Urbs* permitiu aos romanos aplicar os mesmos moldes em qualquer região, como um revestimento da ordem sobre as formas e modos de ser locais, e permitiu-lhes disciplinar e ordenar as forças naturais da produção, pondo-as ao serviço da riqueza comum do gigantesco Estado urbano.

A riqueza económica local do extremo ocidente da Hispânia, na Galécia e na Lusitânia, foi explorada, em todos os sentidos, até quase ao esgotamento.

Os vestígios de vida confortável e requintada não se encontram só nas *civitates* e nos *oppida* mas também nas *villae*, ou casais ou montes agrícolas, e nas zonas mineiras, onde o trabalho escravo ou livre era árduo e contínuo, como sucedia na de *Vipasca*, em Aljustrel, o grande centro euperífero do ocidente peninsular.

Tal generalização do estilo de vida, à romana, mostra até que ponto este se impôs, pela sua inegável superioridade, às maneiras de viver dos povos dos territórios mais apartados e trouxe, em consequência, uma forma nova e de efeitos mais ricos, ao labor dos mestrais que tinham de satisfazer os requintes civilizados do gosto dos seus fregueses ou as pesadas exigências das técnicas daqueles que foram os grandes construtores de vias e de pontes, de aquedutos e de muralhas.

Quantos instrumentos e quanta ferramenta não saíram da oficina

do artífice para servirem no toucador, na cirurgia ou nos duros trabalhos das obras públicas?

Poemas antigos, eco remoto de um passado que se vislumbra fantástico e grandioso, cantam as artes da gente da *Ophiusa-Ophiusae* (litoral hispânico ido Atlântico segundo os antigos narradores), exímia, na tecelagem de panos leves, finos e resistentes, chamados, pelos poetas, «sedas» e utilizados nas tendas e nas velas dos Navios. Não é para admirar os encómios dos escritores romanos ao exaltarem a leveza dos tecidos fabricados na Lusitânia. Salácia (Alcácer do Sal) notabilizou-se, justamente, na indústria desses tecidos. Os tecelões (*textor*) e as fiandeiras (*staminaria*) eram mesteres generalizados, umas vezies produzindo em escala industrial—o caso de Alcácer do Sal — outras, as mais frequentes, dentro do âmbito doméstico para prover às necessidades da família.

A lã dos numerosos rebanhos de ovelhas e o pêlo de cabra seriam a matéria prima por excelência. Não nos fala Plínio nos leves tecidos de lã da Lusitânia?

O linho e o esparto eram o contributo dado pelo reino vegetal à nossa tecelagem.

Com tão larga frente marítima exposta às profundas águas do grande Oceano, não é de estranhar o desenvolvimento da arte da pesca, em todas as suas formas, aliada aos mesteres da construção dos barcos — vejam-se os de proa alta, em crescente, e de fundo chato que, ao longo das nossas praias, enfrentam a alterosa rebenção do grosso mar Atlântico; têm todas as probabilidades de serem do mesmo tipo dos usados pelos pescadores das recuadas Idades do eneolítico, quando o cobre e o estanho fizeram a riqueza dos povos da Ofiusa e facilitaram o contacto com outras terras e outros povos.

No tesouro dos conhecimentos, a pesca juntou à empírica arte de navegar, que provocou o fabrico das conservas de peixe (*garum*), de afamada reputação em toda a Antiguidade, originando outra e valiosa forma económica com os seus *conserveiros* especializados (*salgamarius*) na ordem dos artífices de reputada experiência.

A cerâmica do período romano deixou vestígios nas regiões ocidentais da Hispânia. O trabalho dos oleiros daquelas regiões tinha uma remotíssima e prestigiosa tradição. A par da fina cerâmica importada —> *arretina* — e de olarias utilitárias provenientes também de fora, havia a indústria regional e local representada, quase sempre,

por peças de uso quotidiano na *domus*, por recipientes de adegas: as *ollae* ou talhas, as *ânforas* e *dollium*; por material de construção onde se distingue a telha de rebordo, plana e grossa (*tegula*) ou a canulada (*imbricex*), os tijolos (*lateres* e *latecculi*) e tubos ou canos; a olaria trabalhava também em peças acessórias de aparelhos de pesca (pesos de rede) ou de tear (*pondera*).

A grande variedade de obras executadas pela arte dos oleiros luso-romanos subentende a existencia ou a presença de outros importantes mesteres vindos dos tempos recuados da proto-história como elementos inevitáveis dos grupos urbanos, mesmo dos mais incipientes. O lagareiro de lagar de azeite ou de vinho, o pedreiro, o tecelão ou a tecedeira e o pescador estão representados pelas próprias peças inerentes aos seus ofícios que o oleiro (*figulinarius*) para eles fabricou.

A civilização romana era uma civilização eminentemente estruturadora. O seu génio jurídico está até na «alma» de tudo quanto é romano e o *jus*, ao ordenar a conduta pelo equilíbrio e pela equidade, ordenou as relações da vida social e estruturou a *Cidade*. Esta vocação fez do romano um construtor nato. A Lusitânia e a Galécia ficaram marcadas pelo trabalho do construtor (*structor*) do decorador e do mosaísta.

O *structor* é o pedreiro e o pedreiro foi o grande realizador plástico do génio romano. Inventou o «arco»: fez pontes e aquedutos. Afeiçoou a telha (*tegula*) do oleiro e construiu sólidas coberturas. Talhou blocos e cobriu de consistente pavimento os estádios das grandes vias do Império. Ergueu imponentes edifícios públicos e fez os *limes* — as extensas muralhas defensivas das fronteiras mais vulneráveis.

Na Lusitânia e na Galécia romanizadas a obra do *structor* foi, sobretudo, uma obra destinada a gentes de vida plácida no meio da paz bucólica das *villae*, das *civitates* e dos *oppida*, consoante a sede rústica da lavoura, a sede do centro administrativo municipal e a sede da guarnição militar da *coorte*.

De norte a sul, restos de moradas aprazíveis e que guardavam, ainda, sinais de um gosto exigente e civilizado, mostram a perícia dos pedreiros construtores tanto nas mansões isoladas -das *villae rusticae* como nas moradas urbanas.

A residência extramuros de Coninmbriga é, na sua planta, um

modelo da arte de construir e serve para realçar a obra e os seus artífices.

E já que falámos em arte de construir convém lembrar o significado da palavra *structor*: tanto quer dizer o pedreiro como o arquitecto (*architectus*), num sentido ainda há pouco usado entre nós de «mestre de obras». Aqueles que trabalhavam a pedra, como matéria essencial da edificação — os «pedreiros» — designavam-se, tomados no seu conjunto e hierarquia. Eram os «edificadores» ou «estrutura dores».

É bom saber: o *structor* do ocidente da Hispania depressa assimilou a arte de construir à moda romana mas, apesar da forte sugestão do novo estilo, alguma coisa ficou das velhas maneiras daqueles que, em tempos já muito afastados, foram consumados construtores megalíticos, e refinaram, depois, ao edificarem o casario peculiar dos castros.

Os resíduos arquitectónicos de Conimbriga são preciosos vestígios da arte de construir, tanto sob o aspecto dos cómodos e regalos privados como no da utilidade pública em muralhas e pórticos, em aquedutos e termas, em redes de condutas e de esgotos.

Não resisto à tentação de entrar pelo grande pórtico, assente sobre pilastra de colunas, e ver como trabalhavam os mesteres hispano-romanos. Aqui o material de construção é o calcário do sítio. As colunas são construídas com tijolos de forma especial (*laiecculi*) destinada a facilitar o configurado cilíndrico do fuste. Os pedreiros usavam uma argamassa forte para unir e consolidar os tijolos, quier na obra delicada das colunas como na das paredes compactas e, sobretudo, quando tinham de construir aqueles arcos de volta perfeita — marca da arquitectura daquele ciclo — armados de tijolos (*lateres*) em filas encrustadas, em curva, na massa de cal e de areia. Nos revestimentos e nas fundações a massa era reforçada com restos de cerâmica partida — a *opus siéríum*.

O pedreiro usaria naquele tempo a «colher», a «trolha», o «fio de prumo» e, naturalmente, o «picão».

Entra-se no palácio extramuro por um vestíbulo semicircular onde há uma porta larga (*ostium*). Segue-se um átrio e páteo central com colunas, o peristilo e o *cecus*; várias divisões do edifício dão para este conjunto central. Penetra-se num átrio menor. Outras câmaras comunicam com o novo pátio sem colonata, mas com o topo do *oecus* «encastado» num tanque. Para lá era o

viridarium. Os afinados artífices que decoraram o edifício, revestiram o rebordo dos canteiros do peristilo com mosaicos, processo decorativo raríssimo na casa romana, mas que talvez tenha a sua origem na arte decorativa hispânica.

Um grande edifício assenta junto à muralha, no interior do *oppidum*, contíguo à porta de Tomar. Esta, com os seus maciços torreões, faz de charneira entre aquele grande 'edifício interior e o palácio extramuro. A construção interior é semelhante, na sua planta, à exterior; tem, contudo, uma particularidade: possui, ao fundo, uma completa instalação termal com as suas piscinas, *frigidarium*, as caldeiras e o *hipocausto* ou fornalhas, com arcos numa delas. Tudo obra perfeita quanto a solidez e disposição.

Sob este último aspecto, as pequenas termas edificadas em frente do canto direito do grande edifício interior, realçam mais a perícia dos *structores* lusitanos. O traçado das divisórias e do corredor que serve vários compartimentos, o aproveitamento da passagem do aqueduto e a colocação, para lá deste, do *hipocausto* das caldeiras do calor formam um conjunto funcional de extraordinário interesse arquitectónico.!

As técnicas apuradas dos construtores e pedreiros luso-romanos, se não atingem a majestade, nas suas obras, dos grandes monumentos de Roma, de Atenas ou de Alexandria, foram, no entanto, capazes de fazer trabalho resistente, bem ordenado, com harmonia e beleza em aquedutos, pontes como a de Alcântara e de Chaves, castelos como o que está na base do de Lisboa, muralhas como as de Conimbriga, teatro como o da encosta do Castelo, em Lisboa, as termas espalhadas por tanto sítio, os templos como o de Évora e da enigmática construção, em falsa abóbada da abside em forma de ferradura de S. Miguel de Odrinhas, de técnica tipicamente romana.

O grau elevado de vida civilizada patente em tão numerosos e importantes trabalhos de construtores pedreiros luso-romanos toma maior realce quando os incomparáveis mosaístas (*musivarii*) revelam a sua habilidade artística nas magníficas decorações dos mosaicos embrechados, em duas ou mais cores, que revestem pavimentos e rebordos de tantos edifícios deixados por toda a parte. Os nossos oalceteiros municipais são os descendentes artísticos dos *musivarii* da Lusitânia.

Os mosaístas lusitanos marcaram bem o chão por onde passaram. De norte a sul há restos da sua arte, comparada, por vezes, à da

Itália: em Viseu, Talhariz; S. Simão, em Peneia; Conimbriga e Ançã; em Marmelar; nas cercanias de Leiria; em Póvoa de Cós, na região de Alcobaça; em Almoçageme e Oeiras; em Tróia e em Alcácer do Sal; nos arredores de Évora; em Eivas, Quintos, Beja, Mértola e mais sítios do Alentejo; em Búdens, no Milreu, em Estói, perto de Faro. Por toda a parte, onde há sinais da passada vida romana, há pavimentos decorados com caprichosos desenhos geométricos, figurativos, mitológicos ou reais, feitos com pedrinhas de cores embrochadas em composições simples ou opulentas. O mosaísta era um mesteiral, mas foi, ao mesmo tempo, um grande artista.

Na linguagem romana chamava-se à obra do mosaico *opus musiorum*; ao oalctemento de pedras de cor *opus tecelatum*; os pequenos cubos de mosaico designa va nvse por *tesselae* (pl); se as pedrinhas tinham formas poligonais ou circulares o mosaico denominava-se *vermiculatum*.

Se o desenho e o colorido dos artistas da Lusitânia se mostram, com certa exuberância, no *opus musiorum*, a pintura quase desapareceu. Os raros vestígios são de pintura mural a fresco feita sobre a cal ou sobre revestimentos de argamassa preparada para isso. Pedacos de estuques ou de revestimentos com sinais de pinturas decorativas a fresco apareceram em Conimbriga, na Salácia ((Alcácer do Sal), em Balsa, no Milreu e iem Marim.

Como a arte do mosaico, a arte da pintura decorativa foi muito aplicada no ornamento interior da casa romana. Os artistas peninsulares, de tão vetustas tradições pictóricas, não resistiram a tal moda decorativa. As influências mediterrâneas da proto-história e a pintura cretense, estranha e original no seu expressivo naturalismo, não teriam ligações com o extremo Ocidente da Hispânia?

Os pintores juntaram-se aos mosaístas e os mosaístas aos construtores pedreiros na obra comum da edificação. Dos carpinteiros de casas ou de obra grossa —os *faber tignarius* ou *materiarius faber* — eram hábeis e numerosos como se sabe pelas referências dos escritores. Do seu ofício, porém, o que nos resta? A obra — *opus* — foi-se na voragem do tempo. Ficou o ferro de alguma ferramenta: um «martelo» e uma «faca», encontrados nos arredores de Eivas, em Torre das Arcas; um «formão», uma «serra» e alguns «pregos» aparecidos na mesma área, mas no Padraozinho.

Não devo encerrar 'esta «memória» sobre os construtores e deco-

radores lusitanos sem fazer uma resenha de algumas peças arquitectónicas e escultóricas, do trabalho daqueles artífices, achadas entre as infra-estruturas do que restou, como prova, de uma antiga mestria e habilidade mecânicas inspiradas pela arte superior de uma sociedade culta.

Os pedreiros e canteiros da escola romana tinham uma maneira muito peculiar de aparelhar a pedra destinada às construções. Quase sempre o bloco colocava-se no seu lugar com a face exterior já trabalhada. Este trabalho ou labor do silhar consistia num «almofadado» em relevo irregular — cunho certo da arte romana de cantaria. Lá o vemos nos pilares lavrados do arco romano de Bobadela e nos botaréis do Santuário de Santana do Campo, em Arralólos. Nas pontes — a de Chaves e a de Alcântara por exemplq — lá estão os característicos silbares. Nas obras de pedraria maciça dias construções de certa grandeza a maneira de trabalhar a pedra parece ser aquela. Efeito ornamental? Intenção utilitária como margem dada a mais ao desgaste do tempo?

O inventário de peças arquitectónicas e escultóricas achadas no centro urbano que foi a *Egitânia* romana (Idanha-a-Velha) e hoje fazem parte das colecções do Museu local e do Etnológico de Belém, formam um conjunto por si demonstrativo da importância e do valor técnico dos pedreiros construtores e dos escultores da Província Lusitana do Império: um capitel datado (A. D. 400), bases de colunas, fustes de colunas lisos, pilastras, entabelamentos de templos em mármore, cornijas ornamentadas do mesmo material e volutas de monumentos funerários (F. Almeida, in *Egitânia*, p. 109).

Quanto ao trabalho dos artífices escultores temos provas bastantes da sua boa qualidade. As imitações de modelos romanos genuínos foram executadas com perfeição. Restos de grandes estátuas votivas de deuses e de imperadores, sarcófagos com baixos relevos, umas vezes mais aprimorados do que outras, como o de Reguengos em presença do sarcófago de Cheias ou do *Mithreum* de Tróia (baixo relevo votivo do deus Mithra, divindade oriental relacionada com o comércio marítimo).

Conimbriga forneceu uma bela cabeça de mulher, restos de uma escultura. Divindade? Imperatriz? ou alguma *domina* local?

Em todo o país encontraram-se vestígios arquitectónicos e escultóricos como os indicados, a título de exemplos, do trabalho do *struc-*

tor do pedreiro e do escultor luso-romanos que foram mestres dos mais operosos no quadro das actividades profissionais mecânicas.

Uma organização, tão vasta e complexa, a funcionar na era dos metais, dispondo de ouro e de prata, de cobre e de estanho e da sua liga no bronze, fundindo facilmente o chumbo e tendo as suas forjas a temperar, com o seu fogo vivo, o rigíssimo ferro foi, sem dúvida, uma grande organização mineira e metalúrgica com chusmas de trabalhadores nas minas e nas fundições e artífices especializados a preparar, nas oficinas, ferramentas, instrumentos, adornos e armas,

A mineração romana era famosa e deixou vestígios evidentes. Extraiu minério até ao esgotamento. Forneceu um espólio abundante de instrumentos e de adornos metálicos. Chegaram-nos as minúcias regulamentares dos trabalhos nos coutos mineiros gravadas nas tábuas de bronze de Vipasca que contém a *Lex Mettali Vipascensis*, descoberta na área de Aljustrel, velhíssimo centro cuperífero. Mas não é o trabalho extractivo dos mineiros que agora nos interessa. Preocupa-nos o trabalho especializado do artífice metalúrgico, fabricante de instrumentos e de peças. O mesteiral a operar na oficina do seu mester. Mais adiante se verá como estava organizado o trabalho no Estado Romano e nas Províncias do Império e como a sua organização implicava diversas categorias e diversas medidas de capacidade jurídica.

Os que trabalhavam metais estavam naturalmente divididos quanto à matéria prima e quanto aos objectos manufacturados. Sabemos que havia ourives (*aurifex*) e ferreiros (*ferrarius* ou *faber ferrarius*). Em princípio, uns manipulavam o ouro e os outros o ferro. Mas na prática as coisas passavam-se, talvez, de maneira diferente. Os *ourives* faziam adornos e jóias de ouro e de prata e eram joalheiros. Os ferreiros faziam peças e instrumentos e seriam também armeiros, batendo e talhando o ferro, mas é possível que executassem trabalhos em outros metais e se servissem do cobre, do estanho, do bronze e do chumbo e isto, em particular, nos centros urbanos menores. Mas em Províncias metalúrgicas, como a Lusitânia e a Galécia, é natural que a própria tradição artesana dos metais impusesse a especialidade e agrupasse as matérias primas afins: o ouro e a prata; o cobre e o estanho. Os primeiros são metais preciosos. Os segundos são metais nobres. O ferro é matéria dura, sem dúvida, mas estranha e de fácil corrupção: ficaria para os

ferreiros. Entre os ourives e os ferreiros estariam os metalurgistas do cobre com os *fundidores do bronze (aerarius)*, os *latoeiros* e os *caldeireiros (aerarius faber)*.

No ocidente hispânico e, em particular, no noroeste, a ourivesaria tinha um passado notável, com uma obra artística de valor. Do que foi esta obra e de que técnicas se serviu fez-se uma referência sumária quando, mais atrás, se descreveram os trabalhos dos artífices do eneolítico e da proto-história nas suas rudimentares oficinas das povoações castrejas pré-celtas ou celtizadas.

Estamos na era romana. As artes e as indústrias dispunham de um instrumental de ferramentas mais aperfeiçoado. Os cómodos e as exigências da vida urbana impunham o adorno e as joias de valor conforme os modelos em voga nos grandes centros do Império. A ourivesaria romana introduziu-se no gosto peninsular como o estilo exótico oriental chegou a Roma. Contudo, certos aspectos locais da arte — a *filigrana* prova-o — mantiveram-se e perduraram, através de tudo, até hoje resguardados sob a forma de um artesanato de feição rústica.

A ourivesaria urbana sofria os influxos das modas e as influências das formas e das técnicas importadas.

O *aurifex* do tempo do Império dispunha já, mesmo nos recantos provincianos do Ocidente, de uma banca de oficina bem apetrechada onde poderia executar qualquer obra ou conserto pelos processos dos seus colegas da grande urbe<

Em cidades como Mérida, Olisipo, Eborac, Conimbriga, Salácia, Egitânia, Bracara Augusta, Astorga, Portus Hanibalis e Ossónoba o *aurifex* trabalhava à romana e, na sua oficina, dispunha, como descreve Mário Cardoso na sua monografia a respeito *das origens e técnicas do trabalho do ouro* (pág. 41 e seg.), de «*martelos*» de ferro ou de bronze, de vários tamanhos, e mais ou menos boleados ou agudos na parte percutora; *bigorna*, *tenazes*, *tesouras*, *cinzéis*, *buris*, *furadores*, *bruñidores* e *polidores*, *serras* e *limas*; um sistema de sopro por meio de *foles*, para atear o fogo na forja; *crisóis* de barro refractário, para a fusão do metal, e *maçaricos bocais* para o sopro durante os trabalhos deliados de soldadura; *fieiras*, que inicialmente seriam feitas de uma placa de pedra, talvez de xisto, e só mais tarde de cobre ou de bronze, contendo furos de diversos calibres onde o ouro era puxado e reduzido a fios; *matrizes*, para a estampagem dos «*motivos*» decorativos,

e *placas* de couro ou de chumbo para assentar a lamina de ouro, nesses trabalhos, ou na técnica do repuxado; *balanças* como a que se vê esculpida na tabuleta do «aurifex Brattarius» (sec. I A. C. Museu do Vaticano) ; *compassos* de bronze, como o da charneira encontrada na Citânia de Briteiros». Por fim, M. Cardoso, alude ainda aos *tornos de vara* ou de *rabeca*, um movido com o pé e o outro à mão «sem os quais não seria possível aos aurífices proto-históricos a execução de certas peças, tais como as cabeças ou remates terminais de alguns colares rígidos — os *torques* — que representam superfícies curvas, em escocia, de um rigor quase que geométricamente perfeito».

A obra do ourives romano tanto era *factum aurum* (de ouro) como *factum argentum* (de prata). O trabalho do *lavrante* ao dar relevos ornamentais à prata não o fazia pelo velho processo do *repuxado* em uso, desde sempre, na oficina do aurífice? Mais adiante se verá como antigas designações portuguesas de «ourives do ouro» e «ourives da prata» ou prateiros tinham a sua origem na obra cumulativa do aurífice: *factum aurum*, *factum argentum*. O ourives era um joalheiro. Trabalhava os metais preciosos e fazia joias.

O ouro parece estar nos primórdios da metalurgia hispânica. Surge a par do cobre. É ao cobre por si e na liga do bronze que cabe, no entanto, 'definir uma época pela extensa e múltipla utilidade do seu emprego como matéria prima.

Apesar do ferro ser considerado o metal utilitário por excelência — applicava-se no fabrico de armas ou de ferramentas destinadas aos trabalhos muito duros da agricultura, da mineração e das construções— o cobre e o bronze continuaram a ter larguíssimo uso em muitas e variadas peças da vida corrente, das artes plásticas e decorativas.

Os caldeireiros e os latoeiros serviam-se do cobre e dele fabricavam objectos de grande utilidade e que, em toda a parte, fizeram carreira até ao fim do século passado.

Finos e subtis instrumentos, vasilhas e pratos de várias formas e feitos, lucernas, candeeiros, candelabros e até adornos saíram das *aerariae officinae* (oficinas onde se trabalhava em cobre ou em bronze) dos centros mercantis e fabris da Galécia e da Lusitânia.

Nas galerias da mina de ouro do Fojo das Pombas, em Valongo, encontraram-se várias peças de cobre e de bronze, testemunhas da

arte dos caldeireiros hispano-romanos e provas, muito claras, das suas possibilidades técnicas.

Um pequeno recipiente de cobre com pega, destinado, talvez, a vasar líquidos de uma vasilha para outra (*simpvium*), foi executado de chapa circular trabalhada a martelo e repuxada à mão. A pega está presa ao corpo do recipiente por quatro rebites. Os recipientes do tipo *situla*, espécie de pequenas caldeiras ou painéis, eram formados por três chapas marteladas que se uniam por meio de rebites e tinham asas com orifícios de suspensão. A obra de caldeireiro de maior efeito, e que até a nós chegou, é sem dúvida a *lagoena* de cobre l(garrafa) encontrada na citada mina. O gargalo e o corpo são formados de uma só peça. A base é saliente e está fixada ao corpo por rebites. O corpo da garrafa fez-se de material fundido, repuxado e martelado. A peça mais notável do mostuário do Fojo das Pombas é um elegante *oinochoe* de bronze (jarro). É uma obra formada por várias partes de material fundido que foi repuxado e com decorações gravadas a buril aplicadas como as que ornamentam a asa. Enquanto este jarro apresenta um bocal em bico de pato, um outro *oinochoe* de bronze é mais simples e bojudo mas de boca trilobada, o que lhe dá uma forma bizarra não destituída de elegância.

Por estes exemplares encontrados na mina de ouro de Valongo já se faz uma ideia da técnica praticada pelos nossos metalurgistas do cobre e do bronze durante o período romano: as chapas eram marteladas, repuxadas e ligadas com rebites. Havia soldadura. Algumas peças fundiam-se a buril ou fixavam-se por soldadura ou rebites. Como se vê, os processos usados pelos artífices das vasilhas do Fojo das Pombas não diferiam do usado até há pouco.

Do cobre e do bronze faziam-se outras peças de trabalho mais fino e delicado: objectos de toucador, como espelhos, estiletos, agulhas, pinças e pregos de cabelo; os instrumentos do estojo de cirurgião encontrado lem Torre de Arcas; o estilete de Tróia; agulhas e anzóis; fivelas circulares e fibulas; braceletes e anéis; tinteiros encontrados em Alcácer do Sal e Santiago do Gacém; lucernas metálicas de Famalicão, Pavia e Sintra e, por fim, achadas em diferentes locais do País, as estatuetas de bronze de figuras mitológicas ou terrenas alusivas a cultos ou a comemorações de uma sociedade hispânica romanizada, trabalho, por vezes, de boa categoria artística dos fundidores do bronze (*aerarius faber*).

A metalurgia praticada pelos mesteres romanos da parte ocidental da Hispânia produziu muito para satisfazer as necessidades de uma complexa organização económico-social. Nota Vergílio Correia a carência de armas nos achados arqueológicos do período romano. Esta falta não é para admirar e não significa que as armas não se fabricassem e os *ferreiros* não fizessem obra de *armeiro* (*armiiactor* ou *gladiarius*): as armas eram de ferro, mas se o ferro, pela sua dureza e grande resistência, era excelente, não resistiria muito à acção corrosiva do tempo e da humidade. Havia de se ter cuidados 'especiais para evitar a ferrugem — *ferrum rebigine roditur* observava Ovídio, a ferrugem rói o ferro. Foram poucas as peças de ferro que até nós chegaram. Tudo se consumiu na voragem do tempo e da humidade.

A manufactura de armas pelos ferreiros *armifactoris* ou *gladiarius* em vários centros dos territórios hispânicos deve ter existido e sem surpresa. Não foram, justamente, as espadas curtas usadas pelos povos da Península — as *falcatas* — que inspiraram os gládios adoptados pelas legiões?

O tempo conservou o cobre e o bronze mas não poupou o ferro. Foi no Museu Etnológico de Belém que ao ver numerosos objectos e armas de cobre e de bronze, de épocas muito mais antigas, notei a pobreza das colecções de peças de ferro. Estas peças, de período posterior, eram raríssimas e todas em estado deplorável. Como a madeira, o ferro é um material precário. Resiste pouco ao curso do tempo.

Depois de romanizado, o ocidente da Hispânia teve séculos de paz e de prosperidade mas nem por isso deixou de ser a base de uma legião e de ter guarnições de coortes nos *oppida*. Os hispanos foram bons legionários e percorreram todas as extensas províncias do Império*

Isto vem tudo a propósito dos ferreiros e do trabalho das suas forjas e oficinas. Como mesterais livres teriam largo trabalho nos centros urbanos e nas «vilas» dos meios rústicos. O ferrar dos animais de trabalho, o fabrico e reparação das ferramentas dos officios e das alfaías agrícolas, a manufactura de peças necessárias às construções de edificios, o forjar e corrigir das armas de defesa individual e de caça, tais são as variedades por onde se repartia a arte do ferreiro da Lusitânia ou da Galécia, vista através das provas deixadas pela Arqueologia e pela História.

A presença metalúrgica dos romanos no território da Península ocupada hoje por Portugal, para lá do trabalho exaustivo das minas, é evidente e implica também a presença daqueles ofícios que fazem mester da arte dos metais.

Em Condeixa-a-Velha, em Coruche, em Montemor-o-Novo e em outros locais de todo o território encontraram-se peças numerosas relacionadas com os trabalhos agrícolas.

Em Mértola apareceu uma balança romana em bom estado de conservação.

Os vestígios de trabalhos mineiros são patentes em muitos pontos, com abundância de ferramentas e de peças ligadas àquela espécie de trabalhos, por exemplo, as *lucernas*. Predominam as de barro. Muitas, contudo, são de metal.

Os ofícios relacionados com a preparação do vestuário estariam bem representados nas cidades do ocidente peninsular. A tecelagem de panos finos pelos artífices de Salácia era conhecida e elogiada, disse-o mais atrás, servindo-me do testemunho de Plínio. O esparto e o linho, como fibras vegetais, e o pêlo da cabra e a lã eram a matéria prima destinada, neste canto da Península, ao fabrico de panos do vestuário tradicional que se manteve em uso no período romano. Vê-se num mosaico de Conimbriga onde um caçador aparece armado de lança e montado num burro que um rapaz leva pela arreata. O caçador e o rapaz trazem túnicas que vão até ao meio da coxa, fechadas em volta do pescoço, e de mangas curtas. O rapaz da arreata tem um cinto e o caçador apresenta-se com a túnica solta. A túnica do primeiro está ornamentada por quatro listas enxadrezadas verticais e tem ornamento igual na gola. A do segundo tem também listas verticais ponteadas e alternadas mas sem fazer xadrez (o «enxadrezado» deve ser um aproveitamento decorativo provocado pelo mosaico). Ora estas túnicas sugerem-nos logo as das estátuas dos guerreiros lusitanos, de todos tão conhecidas, e seriam o traje ligeiro dos hispanos meridionais e ocidentais que subsistiram a par da moda de Roma. Era um traje local, como se vê nas vestimentas turdetanas de certos baixos relevos.

Não se sabe da qualidade do pano das túnicas das figuras do mosaico conimbrigense, mas sobre o seu corte o trabalho do *vestitor* (alfaiate) é bem visível e marcado pelo estilo.

Como é lógico, nas cidades ou nos aglomerados urbanos de

importância concentravam-se os mesteres e os mesteirais especializados tinham aí, e têm ainda hoje, o seu lugar, mas sabe-se que se deslocavam às pequenas localidades ou às «*villae*» para aí exercerem a sua profissão recebendo à *jorna*. Isto acontecia com os artífices que faziam vestidos (*vestitor*) por exemplo, e o mesmo aconteceria com outros mesteirais.

Os meios urbanos romanos ou romanizados estão todos marcados pelo tipo inconfundível de vida e este deixou restos que são uniformes em todas as latitudes do vasto Império. Mantinham-se certas notas locais, mas as estruturas, descobertas pela arqueologia, são romanas e com que precisão o termo «estruturas» é aplicado aqui: a sociedade romanizada é um edifício que, dentro das suas construções, alberga tudo sempre da mesma maneira, não escapando a vida económica e a organização do trabalho. Os ofícios mecânicos estavam organizados em colégios (*collegia*) ou corporações em Roma. Em todos os aglomerados da intensa vida económica, quer em Itália quer nas Províncias, acontecia outro tanto.

Nas *civitates* e nos *oppida* da Lusitânia e da Galécia havia uma *plebs urbana* de *collegiati*, isto é, organizados em corporações à moda de Roma. É natural, porém, descortinar laços associativos anteriores entre os mesteirais autóctones, sobretudo entre aqueles ofícios que operavam a transformação da matéria prima, como sucedia com os metalurgistas do ouro, do cobre e do bronze. A sua arte seria um mistério e, possivelmente, rodeada de ritos e de fórmulas mágicas onde o culto da Mãe Terra e da fecundidade encontrariam um meio propício. Os metalurgistas hispanos teriam remotíssimas devoções telúricas e delas nasceriam os laços associativos de uma comunidade, senhora de mistérios e de magia, que os achados arqueológicos da primeira Idade do Cobre, em pleno eneolítico, já deixam entrever. O grande surto de religiosidade patente nos monumentos megalíticos e tão ligado à primeira expansão do cobre não terá as suas raízes no extraordinário «milagre» da metalurgia?

Há fortes razões para supor a existência de associações culturais, que o seriam também de ajuda mútua, entre alguns mesteres, em épocas anteriores ao influxo da civilização romana. Além disto há motivos para crer, e cada vez esta crença mais se fortifica com o progresso sistemático das investigações, na existência de intensa vida social e económica de todas as costas do Atlântico da Europa

e do Norte de África muito antes da chegada de foenses e de fenícios.

As reminiscências de uma tradição económica que o domínio periférico de Cartago não conseguiria desvanecer dieveriam manter-se, entre os artífices hispanos, mais arreigadas nos do extremo ocidente da Península. Se juntarmos a este fundo de tradições locais a influência do espírito urbano de Roma teremos, talvez, encontrado a «maneira de ser» dos nossos artífices romanizados e a sua situação social num mundo de hierarquias como era o do Império. Os *collegiati* eram *plebs urbana infima* (categoria superior aos *humiliores* na classificação geral dos *ingenuos*). Os artífices organizados em corporações eram, é claro, os artífices livres. Havia escravos-artífices, prisioneiros de guerras ou descendentes destes não libertos. Nos primeiros tempos da conquista das regiões ocidentais da Hispania todos os artífices indígenas estariam reduzidos à situação precária de escravos.

A chegada de artífices romanos e de outras partes, o cruzamento das raças, a libertação e, por fim, o reconhecimento gradual dos direitos de cidadania concedidos à população das Províncias da Península Hispânica trouxeram às cidades deste extremo ocidental os privilégios da Cidade de Roma depois de tudo estar bem impregnado da orgânica da *Urbs* abrangendo também, como consequência, as actividades económicas e a forma do trabalho. Subsistiria o trabalho escravq — sobretudo nas minas e na construção e reparação das famosas vias e suas obras de arte — a par do trabalho dos homens agremiados nos seus «colégios». Destes colégios alguns eram privilegiados, como os de Roma, e neles se associavam aqueles ofícios que, pela sua natureza, eram os mais lestimados, quer no conceito dos particulares, quer no ponto de vista do interesse público : médicos, architectos, pilotos, construtores de navios, metalúrgicos do bronze, espelheiros, ferreiros, cantoneiros, carneiros, caçadores, curtidores e muitos outros não esquecendo os gladiários >e os fabricantes de várias espécies de armas.

A esta relação exemplificativa de ofícios organizados em «colégios» privilegiados podemos juntar outra, mais geral, a dos ofícios que se exerciam em toda a Hispânia extraída das referências dos autores coevos, das inscrições lapidares e das obras ainda patentes nas suas ruínas: ourives (quer do ouro quer da prata), metalúrgicos, carpinteiros de casas, pedreiros, canteiros, mosaístas, canalizadores,

construtores de barcos, negociantes de madeira, marceneiros, ceramistas, vidreiros, pintores, carpinteiros de carros, sapateiros, curtidores, cordoeiros, tecelões, bordadores, fabricantes de artigos de luxo para o vestuário, vestimenteiros, negociantes de lã e de linho, tintureiros, padeiros, moleiros, carnicheiros, pescadores e conserveiros.

As inscrições hispano-romanas, diz Pérez Pujol, fornecem, com grande pormenor de dados, elementos sobre a existência de *corporações* muito variadas na Península Hispânica. Estas corporações ou *collegia* tinham os seus chefes e o seu tesoureiro. Realizavam reuniões e os seus ágapes. Celebravam actos religiosos e faziam os funerais dos seus agremiados. Tais eram os ofícios e a sua organização no período do apogeu. Na fase de declínio do grande Império mediterrânico a organização corporativa dos mesteres sofreu mudança profunda, digna de ser marcada, por caracterizar muito bem uma época e as suas inelutáveis lexigências e se ter estendido, de forma sensível, a toda a nossa Península.

No século IV a necessidade do abastecimento de Roma obrigou os transportadores de cereais a um novo regime com a *adscrição do ofício* de maneira a garantir a prestação de trabalho público do transporte. Este regime estendeu-se, gradualmente, a todos os ofícios, em nome do interesse geral, e os *Collegia* ficaram na dependência do Estado e da Cidade dentro de uma espécie de socialismo e de dirigismo. De associações livres que eram, os *Collegia* passaram a obrigatórios e sujeitos à prestação de trabalhos públicos. O novo regime corporativo, carregado de obrigações, estendeu-se a todas as Províncias do Império na sua derradeira fase. No ofício, a «*adscrição*» tornou-se compulsivamente hereditária. A sucessão hereditária do mester seria a regra tradicional por se tratar de uma espécie de «bens» que se transmitiam com os «segredos» inerentes à arte de cada ofício, de pais a filhos. O encargo de prestação de trabalhos públicos é que passou a hereditário por força da lei, como sucedeu também aos *curiales* na administração dos municípios. As vantagens de uma organização mais rígida, realçadas em tempos difíceis, facilitaram o alastramento dos *Collegia* que vamos encontrar nas Províncias da Hispânia, no início do domínio visigótico.

Dentro dos ofícios mecânicos romanos da *Urbs* ou das Províncias havia uma hierarquia de tipo escolástico própria do ensino das artes: um *magister* (mestre) com os seus *discipuli* (aprendizes) e os *mercenarii* (oficiais assalariados) que percebiam *merces* (o

salário). Pelo menos no fim do Império a designação, dada aos *collegia*, die *scola*, possível influência grega bizantina, a que na alta Idade Média ainda se faz referência, como se nota num trecho, de importante significado, extraído de um diploma do Imperador Frederico Barba^Roxa que, ao indicar a organização dos comerciantes e artífices de Verona, enumera textualmente: «*misteria et officia tam de scola maiori quam de officio pristorum et macellatorum*» (quer os mesteres e ofícios de *escola maior* quer os ofícios de carnicheiro e de padeiro) C¹). Havia mesteres e ofícios pertencentes a «escolas» ou corporações superiores '(as Universidades não foram também corporações?)' e havia ofícios não incorporados em *scola*, termo que parece substituir os *collegia* da antiga nomenclatura. Depois da queda do Império Romano do Ocidente, Bizâncio ficou à cabeça da civilização mediterrânica e passou à ofensiva, dominando o *Mare Nostrum*. Teve posições importantes no litoral hispânico desse *Mare* e nas costas do nosso Algarve. É natural que nas cidades portuárias se fizesse sentir a influência bizantina e esta não deixaria de pesar sobre o comércio e as artes e, portanto, sobre os mesteres, não sendo para admirar a existência de alguma *scola* a incorporá-los, como os antigos *collegia*, nos quadros da organização do longínquo Império de Constantinopla.

No século VI, Bizâncio exerceu uma incontestável suzerania periférica e a sua maneira de ser e o seu peculiar estilo orientalizado influíram os costumes e as artes em certas zonas da Hispânia quando a Península tinha já o seu interior ocupado por visigodos e por suevos.,

Alguns aspectos orientais notados em obras hispano-visigóticas teriam a sua fonte mais provável na presença da cultura bizantina que foi grande em toda a bacia do Mediterrâneo enquanto os árabes não varreram do norte de África os restos do mundo helenístico e romano.

Os visigodos chegaram à Península Hispânica muito presos ainda aos seus costumes de povo germânico nómada mas 'encandeados pelo deslumbramento da civilização romana que procuraram imitar.

O trabalho dos artífices hispânicos continuou dentro das suas

C¹) P. S. Leicht, *L'origine delle «arti» n&WEuropa Occidentale*, in Bulletin of International Committee of Historical Sciences, Nr. 18 — Féb. 1933.

comunidades romanas mas, sem a influência estética vitalizadora de um centro donde irradiasse uma maneira de viver superior, confinou-se a imitar, em formas sempre mais grosseiras, os modelos romanos que lhe tinham sido legados ou regressaram aos estilos locais que ficaram, de algum modo, latentes sob o gosto monumental infundido por Roma e pela Grécia.

Este regresso a uma estética local milenária é digno de notar-se.

A grosseira imitação dos modelos romanos pelos artífices hispânicos, no tempo dos visigodos, encontra-se bem patenteada na parte decorativa dos edificios onde aparecem uns capitéis compósitos com o desenho da sua refohuda ornamentação mal copiado e cada vez pior até cair no esquecimento e ser substituído. Este caso dos «capitéis» é visível na igreja de Balsemão; em S. Frutuoso; em Santo Amaro, de Beja. O que sucedeu aos «capitéis» sucedeu aos outros artefactos 'enquanto o trabalho não encontrou outras fontes de inspiração e não criou novos modelos. Liberto de poderosas solicitações estranhas, o artífice voltou-se novamente para os «gostos» da terra, obliterados ou relegados em segundo plano, na ordem das preferências, mas agora apareciam com a frescura de novidades.

As pilastras ornamentadas do Museu de Beja e o frontal que estava numa das paredes exteriores da Sé de Lisboa são exemplares de um estilo *sui-generis* que obriga a meditar e sugere reminiscências de mais antiga origem. Com as suas ornamentações naturalistas de folhas, flores e animais estilizados, os artífices hispano-romanos criaram obras de acentuado cunho local. Mas vincou-se mais este cunho quando os artífices canteiros espalharam o gosto pelo *arco em ferradura* ou semicircular ultrapassado, de tão famosa repercussão >em todo o mundo islâmico.

O arco em ferradura cedo se revelou em motivos ornamentais saídos das mãos dos artífices da Hispânia romana dos séculos II ou III no apogeu do Império. Em Espanha e Portugal há lages sepulcrais e esteias do período romano onde aparece aquele arco, em baix.o relevo ou inciso, apoiado em colunas, estriadas ou não, com ou sem capitéis. Ao verificar-se o aparecimento desta forma de arco nos desenhos decorativos das lajes sepulcrais e das esteias antes de o vermos utilizado pela arquitectura nas construções, fica-se com a impressão de haver uma fantasia de artista. Ao ter de aproveitar o motivo arquitectónico de colunas 'e de arcos perfeitos de templos e basílicas, como elemento decorativo destinado a emoldu-

rar inscrições lapidares, o artista deu-lhes uma forma bizarra para tirar mais efeito ornamental da moldura, como fazem os calígrafos quando são levados, quase instintivamente, a florear os seus curvivos. Vejam-se a lage, datada de 525, de André, chefe dos cantores da igreja de Mértola, e a pilastra do Museu de Beja com dois andares de arcadas em ferradura. Outro exemplo notável é o dos arcos e das colunas estriadas do frontal embutido numa das paredes da Sé de Lisboa, aludido mais atrás.

A sugestão desta fantasia dos nossos artistas canteiros seria aproveitada em arcos de nichos, como os do edifício romano de Tróia, e depois, na arcaria ide construções como a do Santuário de S. Frutuoso. A arquitectura visigótica adoptou-a e hoje é uma das suas características.

As ornamentações de folhas, flores, aves, quadrúpedes estilizados e as fantasias decorativas do arco em ferradura e das colunas estriadas maroam de tal modo o jeito peninsular e o seu sentimento estético que, ao afrouxar das influências estranhas, logo se manifestam, quando não se impõem, como iria suceder ao árabe, ainda mal urbanizado, quando desembarcou na Península.

O artífice-artista hispânico, quando entregue a si próprio, dá logo à obra o «ar» do seu génio peculiar. Em épocas posteriores não vemos os artífices portugueses utilizar plantas e animais em colchas e tapeçarias, em iluminuras e em cerâmicas, à maneira dos hispano-visigodos e de hispano-árabes e >em todos vemos expressões comuns muito mais antigas?

Não podia deixar passar o impressionante caso visigótico sem fazer este comentário à vocação dos mesteres hispânicos dentro da confusa sociedade formada após o estabelecimento de povos estranhos no quadro social hispano-romano, circunstância que teve como resultado libertar os autóctones de influências e de formas de relação impostas por um Estado universal, exclusivo e uniformizada dor.

Já vimos o sucedido quanto aos moldes estéticos da decoração lapidar e arquitectónica que passaram a ser livremente concebidos ao sabor das solicitações do meio ambiente e executados por técnicos independentes e de jeito afeiçoado pelas matérias primas locais. Estes elementos decorativos expandiram-se e revestiram todos os artefactos ornamentados saídos das oficinas hispano-visigóticas, criando um estilo: as armas, as inconfundíveis fivelas de cinturão,

as joias cintilantes de colorida pedraria, os objectos sagrados destinados ao culto, as cerâmicas e os vidros.

Em Portugal, Cascais e Conimbriga, forneceram algumas curiosas peças visigóticas: anéis, braceletes, fivelas de cinto e contas estriadas policrómicas.

Os visigodos, ao instalarem-se na Península, traziam os seus tesouros carregados de peças exóticas que não deixaram de influir, com o tempo, no trabalho dos artífices hispânicos. Nas espécies, diz Vergílio Córrela, em que aparecem o marfim, o âmbar, as pedras raras, pastas vítreas, os modelos e os processos são os recebidos das civilizações orientais: da Pérsia Sassânida, da Cítia, ou do Cáucaso.

As exigências da complexa sociedade hispano-visigótica haviam de manter e até desenvolver os artífices especializados constituídos, naturalmente, na sua grande maioria, por hispano-romanos que nas cidades continuariam a exercer os seus mesteres e a satisfazer as encomendas. As próprias leis, como o *Breviário* por exemplo, não deixam de ter disposições relacionadas com o exercício das actividades económicas e de se referir aos artífices e aos seus ofícios. Puniam-se as fraudes nos metais e nas matérias primas. A matéria prima entregava-se para ser manufacturada pelo mesteiral. Mas tanto no campo como na cidade o artífice livre entregava-se ao seu trabalho e cobrava um tanto por peça. Se ia a casa de quem dele necessitasse recebia um salário. Podia vender livremente as suas obras quando para tal fim tivesse obtido a matéria prima.

Havia, é claro, artífices não livres que trabalhavam «em regime de servidão. Seriam os prisioneiros de guerra ou descendentes destes. Os *collegiati* ou artífices organizados nos *Collegia*, referidos ainda no *Breviário*, já não estavam adscritos como no tempo do Império. A prestação obrigatória e hereditária do trabalho tinha cessado para eles. Agora estavam livres. Subsistiram os *collegia* como instituição meramente privada depois de se terem extinguido as suas funções públicas? É muito provável que os oficiais do mesmo ofício e da mesma localidade mantivessem os antigos elos associativos e se ajudassem nas horas difíceis. Estas não seriam poucas em tempos tão instáveis e críticos. A alusão expressa aos *collegia* ié que se desvaneceu. A hierarquia dentro da oficina deveria manter-se com o *magister*, os *discipuli* e os *mercenarii* ou assalariados, como se manteve a *collatio lustralis*. Sabe-se que eram livres os ourives, os têx-

teis, os metalúrgicos e os vidreiros. Trabalhavam em oficinas próprias e recebiam salário. Entre os têxteis a especialidade da divisão do trabalho separava os homens das mulheres. Existiriam muitos outros ofícios de que não há referência, mas como sabemos os moleiros e os oleiros mencionados, muitos outros haveria, como carnicheiros, padeiros, sapateiros, correeiros, pescadores, pedreiros e carpinteiros, todos tão necessários à subsistência das comunidades, por pequenas que fossem. Nem tudo eram castelos senhoriais e mosteiros com vida económica própria. Havia as cidades e, se estas dependiam política e militarmente do castelo, tinham vida comunitária e aí mesterais e mercadores livres trabalhavam e transaccionavam por conta própria.

4. *Em volta do Bazar* — Era em volta do *Bazar*, onde tudo se vendia e transaccionava, que os mesterais da Espanha islâmica armavam as tendas para o comércio das suas obras ou tinham as oficinas onde as trabalhavam. E nisto os hispano-muçulmanos não faziam mais do que repetir, na Península, um costume da Mauritânia vindo das praças do oriente.

O *bazar* era o local onde toda a cidade se encontrava e encontrava o forasteiro. Era um pouco mais do que o *forum* dos romanos. Aí se sabiam as notícias, ouviam-se histórias, comentavam-se acontecimentos, mas, acima de tudo, fazia-se mercado e praticava-se o comércio. Não deve confundir-se o *bazar* com a *feira*. O *bazar* era um estabelecimento permanente, de nítido carácter urbano, por vezes coberto, ao passo que a *feira* celebrava-se em dia determinado da semana, do mês ou do ano, em terreiro aberto ou rossio, em geral às portas da cidade, fazendo-ise nela o negócio d'e tudo, ou se reservava para um comércio principal ou um único, exclusivo.

No *bazar* da cidade ou em tendas ou casas à sua volta encontramos a chusma dos mesterais a trabalhar nas suas oficinas. Domina o ruído peculiar de cada ofício, mais estridente ou mais cavo, mais silencioso ou mais palrado na algarviada de um «romance» arabizado, rumor que transborda e se estende ao grande comércio de todo o bazar e de suas vizinhanças, onde cristãos das comunidades moçárabes e judeus concorrem, em busca do comprador ou do ajustador de serviços, com o árabe de longes temas ou o mauritano do outro *ál-garbe*.

À luz crua e faiscante do sol meridional a alvura das casas

e do albornoz não conseguem quebrar o matiz das cores berrantes que em toldos e vestuários, em tapetes e aparelhos de cavalgar estofam »e enchem de garrida policromia toda a redondeza do *bazar*, centro comercial e também rnanufactureiro.

Ali, o rico senhor dos campos de Beja ou de Mértola, na sua nervosa montada, de albornoz e coberto de largo sombreiro de fina palha, ajusta com mercadores orientais recém-chegados; mais além um camponês forro experimenta, na tenda de um ferreiro, um ferro novo para a sua enxada; uma senhora velada seguida por uma serva apreça, na tenda de um ourives, as jóias do seu agrado. Uns homens da cidade, em volta de um caldeireiro, assistem, interessados, aos retoques, um tanto repuxados 'e sonorosos, dados pelo artista a uma peça muito trabalhada e com místicas inscrições coránicas. Enquanto um apraza sela bem ajaezada, outro, sob o mesmo toldo do seleiro, mira um par de estribos de caixas com belas aplicações de bronze dourado. Lá em baixo, onde se juntam as louças e os barros, homens e mulheres compram, vendem, discutem, pegam nas várias peças e olham-nas por todos os lados para as largar ou adquirir. À sombra do *bazar* os cordoveses expõem os couros e os guadam'ecis muito trabalhados a fogo, pintados ou não, ou as sólidas botas de montar a contrastarem com os delicados chapins guarnecidos de arabescos de fino labor. Na sua oficina um alfageme, bem reputado, corrige lâminas enquanto possíveis compradores examinam as armas e experimentam a sua têmpera.

Tecidos exóticos — mais quentes e grossos os do norte, trazidos das terras infieís, mais finos e frescos os do oriente, importados de Bizâncio e do Iraque — são apetevidos pelas mulheres, que acorrem, numerosas, a admirá-los nos lugares das mercadorias.

Os carneiros talham as suas peças de carneiro para as vender aos cidadãos pressurosos; os pescadores vendem o seu peixe fresco ou salgam-no nos seus tanques; os hortelões do alfoz tiram das fundas ceiras que os seus burricos carregam, frutas e hortaliças e oferecem-nas, a troco de moeda, à gente da medina; as padeiras cobrem de panos imaculados os belos pães de trigo ou o moreno pão de centeio, enquanto o azeiteiro alinha as suas talhas cheias do precioso e sagrado óleo.

Um mestre de obras, acompanhado dos seus pedreiros e carpinteiros, ajusta, com um tijoleiro e um telheiro, uma partida de tijolo e de telha para os seus próximos trabalhos.

No meio do rumor contínuo da multidão que comprava e que vendia, à sombra do *bazar*, ouvia-se a melopeia de um contador de histórias maravilhosas, versificadas <e sem fim, que embalam os ouvintes, afastando-os para sonhos distantes, indiferentes ao martelar seco do malho do ferreiro sobre a peça ao rubro colocada na bigorna ou às tremendas vibrações saídas das cafurnas dos artistas caldeireiros.

Os cheiros a casco queimado, a peixe frito, a couro mal curtido empestam o ar morno daquela manhã de fins de primavera. Ligeiras brisas odoríficas almiscaradas e a rescenderem a alfazema e ao alecrim lembram o mato próximo, enquanto, à vez, ronda dos lados dos portos e das praias, um fresco sopro longínquo, tocado do sudoeste, com temperos de maresia e de mato. Das varandas rotuladas e dos terraços o perfume dos cravos e dos jasmims amenizam as pituitárias nas ruelas aprazíveis que desembocam no lugar ruidoso da feira (*suq al-gubar*) onde se instala o mercado (*maks*). O «*bazar*» (*qaisaryyas* = alcaçarias) abre as portas e expõe os seus tesouros à admiração de todos e ao gosto dos ricos da cidade e aos que de longe vêm tratar à viçosa *Shilb* (Silves) erguida perto das ondas e ao alcance das serranias, engrinaldada de hortas e de pomares apetitosos, orgulhosa da gaiola dourada das suas fortes muralhas e quadrielas onde demora uma nobreza do mais puro sangue árabe, culta e bem falante, amiga das letras 'e poética no seu amável lirismo bucólico. Esta é a capital dos círculos islamizados do extremo ocidente da Hispânia, naquela província de Ossónuba, ilustre entre as mais ilustres.

Passemos o campo da feira do gado (*suq-al-dawabb*) ali às portas da cidade onde, entre bois e guanacos, zebros e cabras, rebanhos de lanígeros carneiros e récuas de gado cavalariço, sobressaem as estampas soberbas dos famosos hispano-árabes, corcéis de nervo e de extraordinária beleza, enlevo dos entendidos e cobiça de todos. Atravessemos agora o mercado interior entre ceiras de figos passados, tabuleiros de alfarrobas, amêndoas e os cabazes dos belos e afamados peros aromáticos das hortas das redondezas. O *almotacén*, acompanhado dos seus adjuntos, devassa, ouve queixas, escuta, desconfiado, as alegações dos regateiros, dos mercadores e dos mesteirais citados logo ali, e logo ali encoimados pela autoridade do *almotacén* (o nosso almotacé das execuções) quando as acusações são procedentes. O *almotacén* cobra os impostos ou os direitos

(*al cabala* — alcavela) que pesam sobre os utentes dos terrados (*saqif*) no precinto do mercado e, como as *tendas* e as *oficinas* pertencem à cidade ou ao tesouro, aquele onipotente fiscal zela pelo cumprimento dos arrendamentos devidos ao soberano ou à repartição dos *waqfi*.

No domínio das *tendas* (*dukkan* ou *hanut*) e das *oficinas* dos mesterais o *almotacén* exerce a sua jurisdição. Havendo litígio, os contraventores pertencentes às classes dos fabricantes, comerciantes ou dos mesteres (as *sinf* que correspondem mais ou menos às corporações ou grémios dos ofícios nos burgos cristãos), o *almotacén dirige-se* ao responsável ou representante da corporação (o *amin* ou *alamin*, também designado por *arif*) para conhecer da causa ou aplicar a coima regulamentar quando tenham sido infringidos os preceitos dos minuciosos regulamentos a que estava sujeita toda a actividade mestreira no círculo económico-administrativo da cidade hispano-islâmica.

No bairro comercial e industrial, perto do mercado e do bazar e não longe da mesquita, o visitante nota que as *sinf* ou corporações estão amimadas por ofícios e como se conhece da importância dos regulamentos no governo dos centros económicos islâmicos, é de calcular ter-se fixado, em local certo, o trabalho dos mesteres para facilitar as visitas do *almotacén* e dos seus adjuntos quando andem, em correição, a varejar pelo cumprimento dos preceitos que garantem a honestidade do negócio, a boa natureza do produto e o bem acabado da obra.

Entremos pela *rua dos curtidores*. Vemos os curtidores e os surra dores nas suas oficinas a preparar as peles e os correeiros a fazerem cintos, talabares e os complicados arreios mouriscos. Os tafi-leteaos, nas suas concorridas locandas, preparam o fino marroquim colorido oferecido às aplicações decorativas do complexo ornamental andaluz em plena voga. No seu cubículo lá está o pergaminheiro a preparar os finos velinos ou o pergaminho destinado aos seus altos fins de cultura e de religião.

Perto, descobrimos a *rua dos sapateiros* — e tudo sempre à volta do *bazar*, junto ao mercado e perto da mesquita — os oficiais do ofício a fabricarem, nas suas térreas *tendas-oficinas*, botas e borzeguins, chapins e as frescas sandálias.

O local de arruamento dos ceramistas oleiros é uma exposição permanente de graciosas peças: talhas vidradas para azeite, potes

para água, ânforas, bilhas de uma e duas asas, alguidares, pratos e taças, tubos destinados à canalização '(as manilhas), ladrilhos para revestir o chão e tantos outros utensílios manufacturados pela consumada e velhíssima arte dos oleiros hispânicos. Os tijoleiros e os telheiros completam, com a sua especialidade, os trabalhos dos oleiros.

Nos grandes centros da Espanha islâmica — Córdova, Sevilha e Granadaí—a louça fina e os cristais, de alto valor, tinham, a par da ourivesaria e da joalheria, um lugar de notável relevo entre as famosas indústrias de luxo e artes decorativas, sempre tão exuberantes no ridente e florido Andaluz.,

No nosso extremo ocidente e, tanto na parte mais islamizada como na que, apesar das influências, nunca perdeu o seu velho carácter galaioo-lusitano-romano, as preciosidades artísticas do sul também apareciam, mas por importação. Contudo, é de admitir a existência de uma indústria vidreira no Algarve.

É possível que a rua dos ferreiros, com as suas ardentes forjas e as suas pancadas certas não fosse muito afastada da dos caldeiros e latoeiros. Estes mestres que trabalhavam com os metais e o fogo tinham reputação como artistas consumados e como os mais barulhentos officios urbanos. Os ferradores não deviam estar longe. As suas térreas oficinas abriam as portas para os rossios do gado e das mudas. O forasteiro, ao chegar, procura estalagem e lugar para a sua montada e o ferrador deveria encontrar-se à mão para o servir ferrando o seu corcel.

O mester de esparteiro, arruado algures em qualquer estreita ruela ou em largo terreiro, no campo da feira, era um officio de relevante préstimo. Fazia esteiras de esparto, palmito ou junco em entrelaçado simples ou com fantasias decorativas animadas de tons cromáticos. Fabricava as ceiras tão úteis e com tão variados destinos, desde os lagares e da guarda dos figos até às cargas das mulas. O esparteiro fazia cordas do seu esparto, matéria primordial de tanta valia económica.

As oficinas de tecelagem (*tiraz*) do linho e da lã tinham larga tradição e foram também excelentes quando, arruadas, manufacturavam tecidos para roupas, mantas e tapetes capazes de satisfazer o exigente gosto do espanhol islâmico ou moçárabe e estariam, portanto dignamente representadas no comércio de uma *Shilb* (Silves) rica e populosa.

Em certa rua ou largo e talvez no *bazar* os mesterais que! talhavam o vestuário lá se viam a trabalhar nas suas tendas cortando estofos valiosos ou modestos. Havia também um mercado de roupas (*marqatal* = *mercatellus* b. 1.) novas e velhas. Não faltavam os *adelos* com o seu local de venda.

As vendas faziam-se directamente a dinheiro na tenda ou na oficina do mester. Em certos casos podiam fazer-se por pregão a quem mais desse. O artigo podia ser leiloado. Era o *munadat* ou leilão.

Pelas ruas da cidade corredores e vendedores ambulantes anunciavam o seu comércio por meio de estridentes pregões o que ajudava a animar ainda mais a já de si alacre e ruidosa cidade.

Vimos as várias classes laboriosas agrupadas nas *sinf*, espécie de corporações, que tinham o seu representante — o *amin* ou *arit* — junto da autoridade fiscal — o *almotacén*. A entrãñela em cada classe do *sinf* revestia de complicado ritual. Como seria, porém, a organização de cada mester? Havia uma hierarquia.

Um mestre (*mu' allim*), por via de regra o patrão, dirigia a oficina onde trabalhavam os *sleus* obreiros qualificados — os oficiais (*Sani'*). Havia aprendizes (*muta'allim*) que faziam a sua aprendizagem junto dos oficiais e sob o olhar experiente do mestre.

O ofício não seria obrigatoriamente hereditário, como no Baixo Império, para assegurar uma prestação de trabalho público. Mas sê-lo-ia também hereditário, como no tempo do Império Visigótico, por se tratar de uma forma de *bens* produtivos susceptíveis de transmissão sucessória fundada na própria natureza das relações humanas e das coisas que um costume milenário teria consagrado.

Todavia, convém lembrar o extraordinário movimento mercantil e manufacturário dos centros económicos islâmicos ligados às comunicações e ao trânsito do Mediterrâneo que deram àqueles a primazia de um empório com as suas inevitáveis consequências: intensa vida comercial e crescente actividade manufacturara provocada pela nova concentração resultante do completo domínio marítimo do Mar Mediterrâneo pelos árabes depois da conquista da Espanha e da Sicília. Tal estado de coisas reflectiu-se sobre o sistema doméstico das relações da vida dos mesteres impondo esforços e investimentos que iam muito para lá das forças de uma simples oficina de um único mestre-patrão. Nasceram novas formas sociais para fazer face às exigências da economia nova. Foi uma verdadeira revolução industrial *avant la lettre*.

Interessam-se os banqueiros judeus, interessam-se os ricos mercadores árabes, interessam-se os mestres espanhóis, interessam-se os armadores e nasce a indústria fabril relacionada com os produtos a preparar em grande escala: a siderurgia, a tinturaria, a indústria de curtumes e a tecelagem. Toda uma organização fabril transforma a oficina. As fábricas, pertencentes ao soberano ou aos potentados económicos, laboram com numeroso pessoal obreiro, dirigidos por capatazes e mestres, que são os técnicos, servindo-se de abundante aparelhagem e do necessário capital.

O Andaluz e os territórios circunvizinhos produzem, em larga escala, valiosos artefactos que exportam para toda a parte e até para países do infiel cristão. Estamos na hora do grande empório mercantil islâmico do Mediterrâneo.

Os artífices, os mestrais das cidades hispano-árabes, para enfrentarem as exigências da economia nova, juntam os seus capitais e as suas oficinas e constituem sociedades para a produção, em comum, dos seus artefactos. Dois mestres ou mais reúnem-se desta maneira e abrem uma *tenda* em regime societário. Como é lógico, este regime tem as suas consequências jurídicas. Ao lado da economia de artesanato caseiro aparece a sociedade dos mestres que, não trabalhando em moldes fabris, excedem-se, todavia, ao acanhado e fechado sistema da oficina de um só mestre-patrão. Difere a forma sucessória e a aprendizagem tem aspecto mais amplo e mais aberto.

A organização do trabalho mestral foi, na Hispânia islamizada, mais maleável do que nas cidades cristãs: conheceu formas só tarde adoptadas nos burgos das áreas ocidentais da (Península).

Entretanto *Shilb* (Silves), como paradigma de próspera cidade arabizada, ainda viveu muito do encanto das suas belezas e do bem estar da sua abundância. Dos territórios que são hoje de Portugal, sofreram maior influência árabe os situados ao sul do Vouga. E mesmo esta vai-se esbatendo, gradualmente, do sul para o norte não devendo esquecer-se que a população desses territórios, era na sua maior parte, cristã, moçárabe. Excluída a arabizada *Shilb* e o seu alfoz, as populações deste extremo ocidente peninsular, não só conservaram a língua, na sua forma de *romance* eivado de arabismos, mas também ficaram fiéis à antiga religião, mesmo no próprio Algarve, onde o culto de certos lugares santos do cristianismo permaneceu vivo, como testemunham os próprios cronistas maometanos.

Silves foi, de facto, um núcleo urbano árabe e um foco de cultura islâmica que teve sorte política vária no meio do fervilhar constante de cobiças e de agitações. Foi alfobre de poetas, oradores, teólogos, filósofos e historiadores. Diz-se que foi monumental e lá se celebrou o palácio encantado Alcácer Axarajibe, saudado pelos poetas.

Tudo se desvaneceu com o decorrer dos séculos. Mil anos passados sobrevive a memória saudosa dos cronistas e os parcos vestígios elegíacos de uma grandeza: algumas pedras de muralha, fragmentos de bela cerâmica, moedas, umas quatro peças de cobre — forma de talismã, dedal, fuso e balde—e a lápide almôada da Torre de Abul Ulâ. Nas letras arábicas conservadas nos restos de cerâmica há alusões à «água» e à «felicidade», duas palavras carregadas de sentido que recordam abluções de purificação e a calma paradisíaca de um doce viver grato aos poetas e ao místico recolhimento.

O mundo hispano-árabe foi um mundo laborioso. *Shilb* reflectia Córdoba e Sevilha na sua vida económica, acontecendo o mesmo às outras cidades da orla ocidental, em maior ou menor grau, consoante a sua posição na rede das comunicações terrestres ou nos acessos costeiros às vias marítimas. No Algarve, Caceia (*Qastallat Dararsh*), Tavira (*Tabira*), Faro, (*Xanta Maria*) abriam-se para o mar. Atrás das serras era a planície sem fim das campinas de Beja (*Bacha*), sede do governador e em comunicação directa com Sevilha. Mais acima Évora (*Yabura*) dos grandes senhorios agrícolas. Na outra margem do Tejo, Santarém (*Shantarín*) sentinela vigilante de uma passagem fluvial. Perto da Foz do Tejo, Lisboa (*Al-Ushbuna*), misteriosa, encerrada nas suas muralhas que se erguiam, com portas ie postigos, das águas do magnífico estuário, carregada de lendas e de aventuras oceânicas. Por fim, ao caminhar para o áspero norte dos indomáveis infieis, lá estava Coimbra (*Quúmriya*) sobre o Mondego, guarda avançada do Islame mas impregnada ide tradições cristãs ie latinas do seu moçarabismo.

Todos estes aglomerados foram centros de actividade económica e em todos a vida manufactureira dos mesteres recebeu fortes influências do intenso comércio linguístico e técnico do pujante Andaluz, porta aberta das riquezas e das novidades do Levante maometano e bizantino, e também oficina de tantas maravilhas nas artes decorativas, utilitárias ou sumptuárias, que fizeram moda, gostosamente acatada por mouros ie por cristãos.

Coimbra foi uma cidade de sorte oscilante entre os arraiais da Reconquista. Estava na linha flutuante da frente e mudou de mão. As presenças alternadas de duas civilizações a trabalharem um mesmo povo deram a Coimbra um *fades* característico, cheio de pitoresco colorido, e rechearam-lhe a fala de expressões que ornamentaram de «arabescos» o latim titubeante do *romance* da linguagem popular.

A cidade de Coimbra é um produto do vai-vem da Reconquista e, na sua vida económica e social, um modelo repassado de formas reveladoras.

Passemos pela esquecida ponte romana, entremos pela porta de Almedina até ao âmago do casario e olhemos, à nossa volta, o fervilhar das gentes de um concelho português no amanho quotidiano.

Aqui, ao subir a íngreme encosta da cidade reconquistada, termina o longo Prólogo na Hispania e começa a História dos mesteirais portugueses,

(*Continua*)

ALMEIDA LANGHANS